

MULHERIO

ano iv, n° 17
sao paulo
julho/agosto.84
cr. 1.800,00

**MEMÓRIAS DO HOSPÍCIO
RUMOS DO FEMINISMO
A HISTÓRIA DE JOÃO E MARIA**



as **BÓIAS
FRIAS**

**O Sonho De
Uma Vida Feliz**

"Não se esqueçam da mulher da periferia. Ela não tem vez e nem voz".

Helena Costa, Itu, SP

"Dou aulas de Português aqui na Universidade Nacional Autónoma do México. Mulherio tem sido um dos mais interessantes, felizes e perfeitos materiais didáticos dos últimos dois anos".

Eleni Zatti, México, DF

"Parabéns para vocês que fazem o Mulherio. A notícia nos chegou em boa hora. Estamos tentando criar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte um Núcleo de Estudos sobre a Mulher".

Elizabeth Nasser, Natal, RN

"Sugerimos que vocês não se esqueçam das mulheres de mais idade. Elas ensinaram e ensinam muita coisa, apesar de já estarem com a cabeça "feita". Achamos também fundamental não deixar os homens de lado e por isso até pensamos em fazer assinaturas para nossos maridos!"

Professoras da Pró-Escola Dominó, São Paulo, SP

"Gostaria que Mulherio promovesse um longo artigo sobre a questão da adoção. A impossibilidade de gerar um filho afeta diretamente a nossa capacidade. É claro que esta afirmação é a nível

emocional mas é assim que me sinto e sinto em outras mulheres com quem convivo".

Olívia Costa, Porto Alegre, RS

"Pensando na minha poesia, e numa frase de Brecht que eu acabei de ler no Mulherio — há muitos objetos em um só objeto — eu gostaria de falar sobre as minhas panelas. Puxa, também mexi veneno nelas. E foram elas que um dia me mostraram a minha prisão. E me salvaram. Sei que foi por isso que um dia eu pude dançar uma valsa ao pé do fogão, sem avaria".

Guta Marques Porto, São Paulo, SP

"Estou abalada com o que ouvi ontem de um amigo que está construindo no alto da Chapada dos Guimarães — um lugar lindíssimo, cheio de morros muito altos com cachoeiras, pássaros e flores, uma clínica comunitária para tratamento de pessoas viciadas em drogas. Então, ele ouviu de uma autoridade policial o seguinte: "As populações miseráveis devem ser extintas porque é uma sub-raça! O que você acha sobre Cuba-tão? Acredita que tenha sido aquilo ali por acaso? Toda essa população degenerada precisa desaparecer (referindo-se aos pobres) porque é uma sub-raça!"

Marilza Ribeiro, Curitiba, MT

Suffragistas ...



Negras

De 9 a 12 de agosto, o Coletivo de Mulheres Negras do Estado de São Paulo promove o I Encontro Estadual da Mulher Negra, no Centro de Convenções do Anhembi. Além de vários debates, espetáculos de dança, teatro e música.

Lançamento

Dia 15 de agosto, às 21 horas, Eliane R. Moraes e Sandra M. Lapeiz fazem um "lançamento performático" do livro **O que é pornografia**. Elas prometem muitas surpresas para esse dia, no Café Piu Piu (r. 13 de Maio 134, São Paulo).

Exposição

Condição Feminina no Rio de Janeiro no século 19 — este é o tema da exposição didática que fica até setembro no Centro de Apoio à Pesquisa em História, na Cidade Universitária, em São Paulo. Ela tem base na pesquisa feita por Miriam Moreira Leite para o I.º Concurso de Estudos sobre a Mulher.

Política

O Comitê de Investigação "Mulher e Política", da IPSA — Associação Internacional de Ciências Políticas — organizará duas mesas redondas sobre "Sistemas Políticos e Movimentos de Mulheres". Uma em Sofia, Bulgária, de 16 a 19 de outubro de 84; a outra em Paris, em julho de 85.

Informações com Fanny Tabak R. Marques de São Vicente 225, Gávea, RJ.

MULHERIO

Equipe — Adélia Borges, Cecilia Simonetti, Fúlvia Rosemberg, Inês Castilho, Marlene Rodrigues, Regina Lúcia Santos, Vera Soares.

Jornalista-responsável — Adélia Borges, registro MTB n.º 10.680. SJESP 4549.

Editado por Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Amélia de Noronha, 268, Pinheiros, 05410, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 881-0081.

Impresso na Companhia Editora Joruês, rua Artur de Azevedo, 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 815-4999.

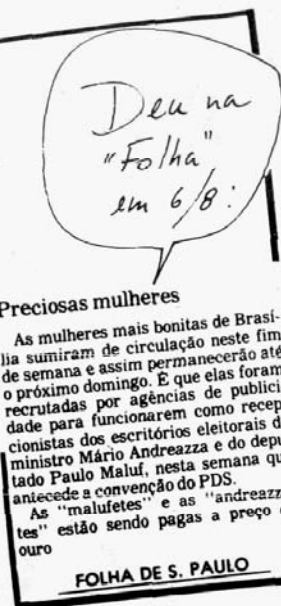
IMAGENS

Usar a imagem de uma mulher "inovadora" na publicidade pode dar bons resultados: no começo do século, já usavam uma foto das suffragistas para vender um elixir contra a indigestão.

E isso o que mostra uma exposição que fica até o dia 17 de agosto no Arquivo do Estado de São Paulo (r. Dona Antônia de Queiróz 183), sobre a imagem da mulher na moda e na publicidade. Através de painéis fotográficos e textos, a

exposição fornece ao público um panorama da mulher brasileira neste século, fazendo um belo registro das primeiras atividades anti-conformistas.

Mostra, por exemplo, a primeira repórter brasileira, Eugênia Brandão, do jornal **A Rua**, do Rio, que no começo do século escandalizava os conservadores com suas roupas nada convencionais.



Preciosas mulheres

As mulheres mais bonitas de Brasília sumiram de circulação neste fim de semana e assim permanecerão até o próximo domingo. E que elas foram recrutadas por agências de publicidade para funcionarem como recepcionistas dos escritórios eleitorais do ministro Mário Andreazza e do deputado Paulo Maluf, nesta semana que antecede a convenção do PDS. As "malufetes" e as "andreazzetes" estão sendo pagas a preço d'ouro.

FOLHA DE S. PAULO

Saúde

1.º Encontro Nacional de Saúde da Mulher São Paulo

As duas Casas da Mulher de São Paulo, a do Centro e a do Grajaú, estão organizando este encontro para os dias 14 a 18 de novembro. Informações no novo endereço da Casa da Mulher do Centro: R. Santo Antonio 1048, 01314, SP, fone 255-5732.

Aninha Figueiredo e Rosiska Darcy de Oliveira

RECORDS do MULHERIO

Agradecemos

Agradecemos a SPAL — Indústria Brasileira de Bebidas S.A., pela gentileza com que forneceram bebidas para o coquetel de (re) lançamento do jornal **Mulherio**, em junho, aqui em nossa sede.

Erramos



Deixamos de publicar no n.º 16 os nomes das autoras de todas as matérias das páginas 18 e 19. São elas: Albertina de Oliveira Costa ("O poder a quem não ama" e "Sem moral"), Ethel Leon ("Muito prazer no **Oreasma**"), Cynthia Sarti ("De coração"), Eliane Robert Moraes ("Quem tem medo da pornografia?") e Maria Lúcia Mott ("Sempre free"). Nossas desculpas, a elas e aos leitores.

Também por erro da redação, Gudrun Ensslin, inspiradora do filme **Os Anos de Chumbo**, foi confundida com Ulrike Meinhoff.

NOVO PROJETO

MARIA-SEM-VERGONHA Idac



Maria-sem-vergonha é uma revista da mesma família do **Mulherio**. Foram publicados dois números: **Mulher, Sexo no Feminino**, de Rosiska Darcy de Oliveira, Mariska Ribeiro e Miguel Paiva, e **Oh, Linda Imagem de Mulheres**, dos mesmos autores, vivendo e mexendo com sexualidade e identidade feminina.

O grupo do **Maria-sem-vergonha** vai reaparecer no **Mulherio** a partir do próximo número, numa página em que se vai refletir a opinião pública, o que se anda pensando sobre o que nunca se fala, os temas proibidos, calados, sofridos: corpo, desejo, filhos queridos e evitados, aborto. Vamos entrar no assunto "sem-vergonhamente".

Maria-sem-vergonha foi a primeira publicação do Projeto **Mulher** do IDAC, que reúne um grupo de pesquisadores interessados na educação das mulheres a partir da reflexão sobre a experiência cotidiana. Esta página será uma contribuição do Projeto ao **Mulherio**.

ELIANE DE GRAMMONT

João e Maria

Ela voltava à vida e recomeçava a cantar. Tinha se separado dele já há um ano e retomava agora a vida que — por amor — abandonara. Fez o que pôde. Tentara até mesmo ser **Amélia de você**, exatamente com a música que sua mãe compusera para ela e que estava gravando quando o conheceu.

Estranha coincidência. Não podia imaginar que aquela paixão ia reproduzir a história da música: "Tentei mudar você, não consegui e desisti, porque você não tem mais jeito. Cansei de ser Amélia santa e boa, que esquece e que perdoa os seus defeitos. A vida com você é uma loucura, me deprime, me satura. Ser Amélia já era. Tentei mudar você não consegui, não deu, quem deve então mudar sou eu."

Mudar era fácil. Sempre fora cheia de vida e seu sorriso continuava franco e aberto. Iluminado. Sua voz continuava bonita, o prazer de cantar era o mesmo. O pior já tinha passado.

Eram onze irmãos. Sua mãe, dona Helena, escolhera para ela um nome parecido com o seu: Eliane. Exatamente o que ela fizera com a filha, que chamou Liliane. Uma criança forte e feliz, agora com quase dois anos — uma bênção naquela relação atormentada que não durou quase nada, com um homem violento, exigente, ciumento.

Naquela noite, no **Belle Époque**, ela cantava uma música que amava muito: **João e Maria**, um sonho infantil de amor do Chico Buarque "Agora eu era o rei, era o bedu e era também juiz, e pela minha lei a gente era obrigado a ser feliz. (...) Vem, me dê a mão, finja que agora eu era o seu brinquedo, eu era o seu pião, o seu bicho preferido. (...) No tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido."

Mas, era fatal. "Era fatal que o faz-de-conta terminasse assim", ela cantava, quando ele entrou no bar e atirou contra ela, matando-a instantaneamente. Era 30 de março de 1981 e Lindomar Castilho acabara de assassinar Eliane de Grammont.

O cantor quase foi linchado pelas pessoas que presenciaram o assassinato. Levado para o 4º Distrito policial e dali para a Casa de Detenção, foi logo colocado em liberdade. Durante esses anos, respondeu o processo em liberdade por **habeas corpus**.

Quem ama não mata. A resposta das mulheres a mais esse assassinato de uma mulher por seu (ex) companheiro foi uma comovida passeata de mais de mil pessoas pelas ruas de São Paulo. Em Goiânia, alguns meses mais tarde, as feministas conseguiram fazer com que ele cancelasse um show por medo das manifestações que prometiam fazer.

"Esperamos justiça", diz uma de suas irmãs, a respeito do julgamento de Lindomar no próximo dia 23. "Não por uma questão pessoal, porque isso não vai trazer Eliane de volta. Mas para lutar contra um problema que é social."

I.C.



Eliane de Grammont: aos 26 anos, assassinada pela prepotência machista.

VOCE SE LEMBRA DELA ?

DIA 23-8, O JULGAMENTO

O Tribunal do Juri de São Paulo coloca no banco de réus o assassino de Eliane de Grammont.

Vamos exigir justiça.

Compareça ao seu julgamento no dia 23 de agosto, a partir das 13 horas, no palácio da Justiça — Praça da Sé. Diga não à violência.

Movimento de Mulheres contra a violência



Nos muros da cidade, a exigência de justiça.

MEMÓRIAS do HOSPÍCIO

A matéria Vidas sem Saída, do Mulherio 16, despertou doidas memórias numa mulher do Interior de São Paulo, 61 anos. Junto com o choro brotou este depoimento, sonho de amor universal e resistência à loucura que se institucionalizou no País em 1964.

"Um dia fui levada para a sala dos choques."

balho era qualificado, de confiança e de responsabilidade. Eu já tinha mais de 12 anos de firma! Mas eu preferia até sair sem nada a ter que enfrentar todos os dias os mesmos problemas. Eu não queria enlouquecer. Iria virar uma ficha com um número de identificação. Não, isso não iria acontecer comigo! Conheci no primeiro sanatório e depois em outros, pessoas que se transformaram numa ficha de entrada, cuja saída seria a morte. Ninguém se importava com elas.

Um sonho de fraternidade

Mas falta contar o caso daquela senhora, até onde me lembro (depois do choque tudo ficou em branco). Ela estudava esperando o dia inteiro. Perguntei-lhe por que esperando e ela me disse que uma língua universal uniria os homens, facilitaria a troca de idéias. Como não se discorda de um doente, fiquei quieta. Aquelas idéias de uma língua unindo os homens para mim era uma ironia muito grande.

Ali mesmo, no hospital, todos falavam a mesma língua, mas quanto às idéias, as divergências eram totais. Só que como todas se sentiam por demais cansadas para lutar por algo, e também devido aos remédios, preferíamos o silêncio às divergências. Conheci um casal de mudos que vivia em plena harmonia, sem palavras. Falavam com os olhos, com o sorriso, com toques carinhosos de mãos, até com o silêncio. A natureza não fala e quanta harmonia há nela, apesar das divergências de suas espécies.

Em casa de minha irmã havia um gato que dormia juntinho com o cachorro. Mas um homem quando encontra outro homem, se não forem apresentados, passarão um pelo outro como se um fosse de Marte e outro de Júpiter. A civilização, as religiões, as ideologias, as filosofias, as nacionalidades, as raças, tudo separou os homens. Não vai ser uma língua que vai uni-los.

Vai ser o amor, a compreensão, a tolerância, a desambição, o desapareço, a humildade, ninguém se achando o dono da verdade, sua religião ou seita a verdadeira, sua classe social a superior; nascemos de uma barriga e morremos definitivamente desaparecendo no pó. Quem quiser reencarnar, reencarne; quem quiser ir para o céu, que vá; mas deixe quem descer disso viver em paz. Quem é democrata, que seja, quem é contra, continue, mas vamos conversar para saber porque pensamos assim ou assado. Nada como um bem papo. Mas acima de tudo devemos ser humildes. Se Gandhi continuasse vestido como um inglês, morando bem e comendo melhor, o povo não o aceitaria.

Fui internada em 1964. Moravam comigo um casal e uma criança e eu estava completamente só.

Em minha casa não podia fazer o mínimo comentário sobre o que estava se passando no país.

Mas ia ao bar da esquina e lá os comentários políticos ferviam. Eu não dizia nada, mas tomando minha cervejinha ficava horas ouvindo o que não ouvia em casa nem via na TV. Muito menos nos jornais. O boqueteim era minha fonte de informações.

Aquilo para mim se tornou um ritual e passei a beber, cada vez mais. Depois comecei a levar bebida para casa. Um dia misturei bebida com um calmante e acordei num pronto-socorro, onde devo ter falado muita coisa que ouvíra no bar. A polícia foi investigar minha vida, em casa e no local de trabalho. Eu tinha uma boa biblioteca. Todos os livros foram queimados.

O sanatório como saída

Sabendo que a polícia estava atrás de mim, fui consultar um psiquiatra. Fui para o sanatório. Eu me achava doente, mas quando vi aquelas mulheres de camisolão, assexuadas, com cara de idiotas, me senti ótima. No dia seguinte vi o espetáculo mais horrível que já vira em minha vida.

Para ir ao refeitório passamos pelo quarto dos choques. Vi mulheres com os olhos fixos, o rosto rígido, com algo na boca; pareciam mortas-vivas. Seus gemidos, movimentos bruscos, mostravam vida. Mas o quadro era impressionante. Do refeitório via-se parte daquele horror. Não consegui comer.

Naquele mesmo dia fui para a parte paga do hospital. Dias depois a atendente viria me contar que a senhora X, mulher do escritor e jornalista Y, estava no sanatório, na parte grátis (do IAPI). Fiquei chocada. Fui vê-la. Ela acabara de

chegar e esperava o médico para ser examinada, fichada e integrada naquele ambiente de loucos. Vi uma criatura delicada, fina, profundamente abatida, chorando baixinho. Falei-lhe do marido, que lera seu livro. Mas ela com um gesto me pediu silêncio. Senti que não queria que se falasse nada do mundo exterior.

Afastei-me angustiada, me perguntando onde ela se enquadrava. Eu fora lá pelo alcoolismo, mas também para fugir de algo que nem sabia definir. Era um pressentimento: pessoas estavam sendo presas, torturadas, eu me sentia culpada e não sabia do quê. O sentimento de culpa é terrível; ele esmaga a pessoa.

Um dia fui levada para a sala dos choques. Duas pessoas me carregaram, pois lutei desesperadamente para fugir. Deitaram-me num cama baixa, seguraram-me os pulsos, colocaram-me um guarda-napo na boca, molharam minhas têmporas e nada mais senti. Voltei a mim num quarto desconhecido, de onde eu procurava sair, mas não achava a porta. Fui apalpando as paredes, tropeçando em camas, até que encontrei a saída. Não sabia onde estava, quem eu era, se havia comido ou não (não sentia fome, só um vazio dentro de mim), se era manhã ou tarde. Levaram-me para meu quarto e não me lembro do que aconteceu naquele dia. Lembro-me vagamente da minha luta contra o segundo choque, mas não

sei se tomei outros nem como sai do Sanatório. Minha irmã morava a uma quadra do hospital, mas eu seria incapaz de voltar para a casa dela sozinha.

A difícil reintegração

Um mês ou dois depois pedi para voltar ao trabalho. O médico não queria me dar alta, mas insisti, pois estava com aluguel atrasado, água, luz, prestações e todos esses problemas já estavam me afetando novamente a saúde. Voltei ao trabalho e não reconhecia ninguém. Perguntava os nomes, os fatos, tudo, inúmeras vezes. Contava mil vezes a mesma história, dava o dia inteiro as mesmas ordens, irritando todo mundo. Todos me evitavam.

Pedi para exercer uma função inferior até que minha memória melhorasse e ficasse numa sala quase sozinha, com apenas uma funcionária. Fui me sentindo numa situação estranha. Tinha menos responsabilidade mas ganhava como antes. Tal fato me criou uma situação difícil, pois ouvia comentários que: para trabalho igual, salário igual. Mas aquela era uma situação provisória e meu tra-



HUGO DENIZART

Resistindo através do corpo...



Refugiando-se na criança dentro de si...

O amor como resistência

A experiência de Hugo Denizart com as mulheres da Colônia Juliano Moreira, Rio, que resistem à loucura através do corpo, do carinho, da maternidade.

“Fui caçada pelos médicos da Guanabara e carbonizada. O choque matou a Beatriz. Quer dizer, tirou o poder do corpo da Beatriz. E ela se transformou na redentora do mundo. O choque é a morte.”

A mulher caminha pela Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. É uma das cerca de mil internas que vivem, ou aguardam a morte, na colônia. O fotógrafo e psicanalista Hugo Denizart registrou o drama dessas mulheres “loucas” em fotos (recentemente expostas no Rio e São Paulo), tiradas por ele e pelas próprias internas, e em dois filmes. No mais recente deles, **Região dos Desejos**, um média-metragem de 53 minutos, Hugo (carioca, 38 anos) mergulha no cotidiano dessas mulheres, capta suas emoções, detalhes da sua sensibilidade.

O fotógrafo levou três meses para realizar o filme. Três meses filmando, con-

versando com as mulheres, tentando compreender seu mundo. Antes Hugo já convivera também com os internos: há três anos ele está fazendo uma pesquisa sobre o perfil sociológico da Juliano Moreira (da qual as fotos, os filmes e também um livro são parte). Mas, diz ele, foram as mulheres que mais o intrigaram; que, a despeito de toda impotência a que são submetidas, mais sinais de revolta lhe transmitiram.

“A experiência que tive foi que as mulheres eram muito agitadas. No pavilhão masculino, é possível organizar uma fila. No feminino, não. Os homens são profundamente passivos na instituição. Já as mulheres mexeram mais comigo, eu era muito mais estimulado a pensar quando estava no pavilhão feminino”.

No entanto, raramente Denizart focaliza os rostos das mulheres. Concentra-se no corpo, no peito, nas mãos, roupas e particularmente nos adornos. Por que?

“Faço isso porque, de alguma maneira, a instituição modelou o rosto delas. Faltam-lhes os dentes, algumas babam. Mas é pelo corpo que elas produzem a sua individualidade, com pulseiras, colares, roupas. Debaxo dos uniformes; às vezes encontramos um mundo, com 500 coisas penduradas. No rosto, porém, é diferente. A instituição consegue imprimir nele o caráter da loucura. E nós somos habilmente treinados para ver o rosto da loucura.”

Mulheres que pintam, que vivem a maternidade com uma boneca, que se autoprotegem na amizade e no carinho, mulheres que se enfeitam, que amam e até engravidam, que de algum modo tentam resistir a uma loucura social, bem maior, sem dúvida, que a delas.

Região dos Desejos tem sido exibido em circuito não comercial (universidades, sociedades psicanalíticas). Tocante, fundo, imperdível. E as fotos de Hugo — sempre os detalhes, a boca, as mãos — transmitem o clima do filme. Em meio à desesperança, à tragédia dessas mulheres, há vida. E, não raro, uma impressionante lucidez.

Helena Salem

Assine **MULHERIO** Você pode usar

Assinar *Mulherio* é bom e barato. E é a melhor maneira de você receber o jornal regularmente em sua casa, a cada dois meses. É só preencher o cupom ao lado e enviar pelo correio. Se você tiver alguma queixa em relação ao recebimento do jornal, avise-nos pelo telefone (011) 881-0081: agora estamos usando o serviço de um computador para que *Mulherio* chegue sem falhas até sua casa.

este carnê:

nome		profissão	
cidade	cep	estado	fone

la / /
não

CONTRACEPÇÃO: o drama nosso de cada dia

Regular nossa fertilidade. Exercer a maternidade e a contracepção: nossos direitos, luta de longa data. Que agora encontra novos e poderosos interlocutores. Nosso corpo virou "problema de Estado": um avanço, no caso de programas de saúde, de fato. Uma catástrofe quando nossos úteros viram itens nas pautas de negociação de crescimento populacional.

O Ministério da Saúde anuncia o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, o PAISM. Entre as feministas de todo o país há uma forte tendência a repudiá-lo: "É controlismo disfarçado de feminismo", "é o FMI" — dizemos nós.

Ao mesmo tempo, o governo recém-eleito de São Paulo formula um projeto de saúde muito próximo ao do Ministério. Tudo isso começou no ano passado e até hoje o debate segue, mas não só ele. O Programa ministerial estabelece centros de treinamento, solta folhetos para a população, anuncia em rádios e televisões. Em Goiânia começa a ser implantado. Em São Paulo também.

Enquanto isso, cresce a atuação das entidades controlistas privadas como

BENFAM e CEPAIM que assessoram o Inamps e realizam experiências de contracepção a torto e a direito sobre as mulheres.

"Estamos vivendo uma situação complicada", diz Maria José Araújo, médica feminista que clínica na Casa da Mulher do centro e na Casa da Mulher do Grajaú, em São Paulo. "Eu percebo um imenso atraso político na recusa sistemática dos programas de saúde governamentais. Em primeiro lugar, devemos nos perguntar se temos força para retirar esses programas do cenário. E se retirarmos, o que fazer?"

Repudiar apenas o Programa não leva a nada. Se o poder público assume as questões de contracepção, pode haver uma pressão social por parte dos grupos

Maternidade, um fato político

Anunciada no segundo semestre de 83, a iniciativa do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) de se empenhar na redução da natalidade no Brasil se apresenta agora de público: o brigadeiro Waldyr Vasconcellos, ministro-chefe do EMFA, propõe a criação de um Conselho Nacional de Planejamento Familiar. (Qualquer semelhança com projeto da senadora andreazista Eunice Michilis não sendo mera coincidência).

Baseada na premissa de que o excessivo crescimento da população gera pobreza, esta proposta do EMFA provavelmente vem-se adiantar à Conferência Mundial de População, promovida pelas Nações Unidas em agosto no México.

"Há dez anos, quando se realizou a última Conferência de População, em Bucareste, já se falava em 'harmonizar' as tendências demográficas com as tendências de desenvolvimento" — diz Elza Berquó, pesquisadora do Cebrap. "E foram tiradas recomendações quanto a metas demográficas mundiais."

"Agora no México muda o tom da Conferência", continua Elza. "Em primeiro lugar fala-se na participação dos governos e não mais dos países. Fala-se em instar (e não recomendar) os gover-

nos a assumirem medidas eficazes de diminuição da natalidade. Elogia-se com vigor o papel das entidades privadas mundiais que vêm trabalhando com planejamento familiar."

"Planejar" para dominar

há uma grande preocupação com o crescimento zero da população europeia e, em breve, da população norte-americana também, em confronto com o crescimento das populações latino-americanas e africanas. "Pode-se prever que a Conferência do México vá estabelecer metas demográficas a nível regional, nacional e sub-nacional. Há uma tendência à criação de organismos supra-nacionais de planejamento familiar."

O governo brasileiro vem se preparando para participar da Conferência do México a partir de uma comissão interministerial formada pelo SNI, EMFA, Ministério do Interior, do Exterior, da Saúde, do Trabalho e da Secretaria do Planejamento, através do IBGE e do IPEA. Até agora ninguém conhece os termos do documento que a delegação brasileira apresentou no México. Em

assembléia geral, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC — aprovou uma moção dirigida ao governo federal no sentido de que esse documento seja tornado público.

Enfim, é preciso muita grita a esse respeito. Se o governo brasileiro se comprometer com o estabelecimento de metas demográficas, pode-se prever que a esterilização, já tão praticada, vai se tornar um fenômeno de massa brutal.

"Infelizmente, reconhece Elza Berquó, os partidos políticos, preocupados exclusivamente com a sucessão, estão completamente omissos nesta questão. Se vingar o Conselho proposto pelo EMFA, já se antecipa uma política de planejamento familiar como instrumento de reduzir a natalidade, portanto uma política autoritária e anti-social"

Reacionarismo médico

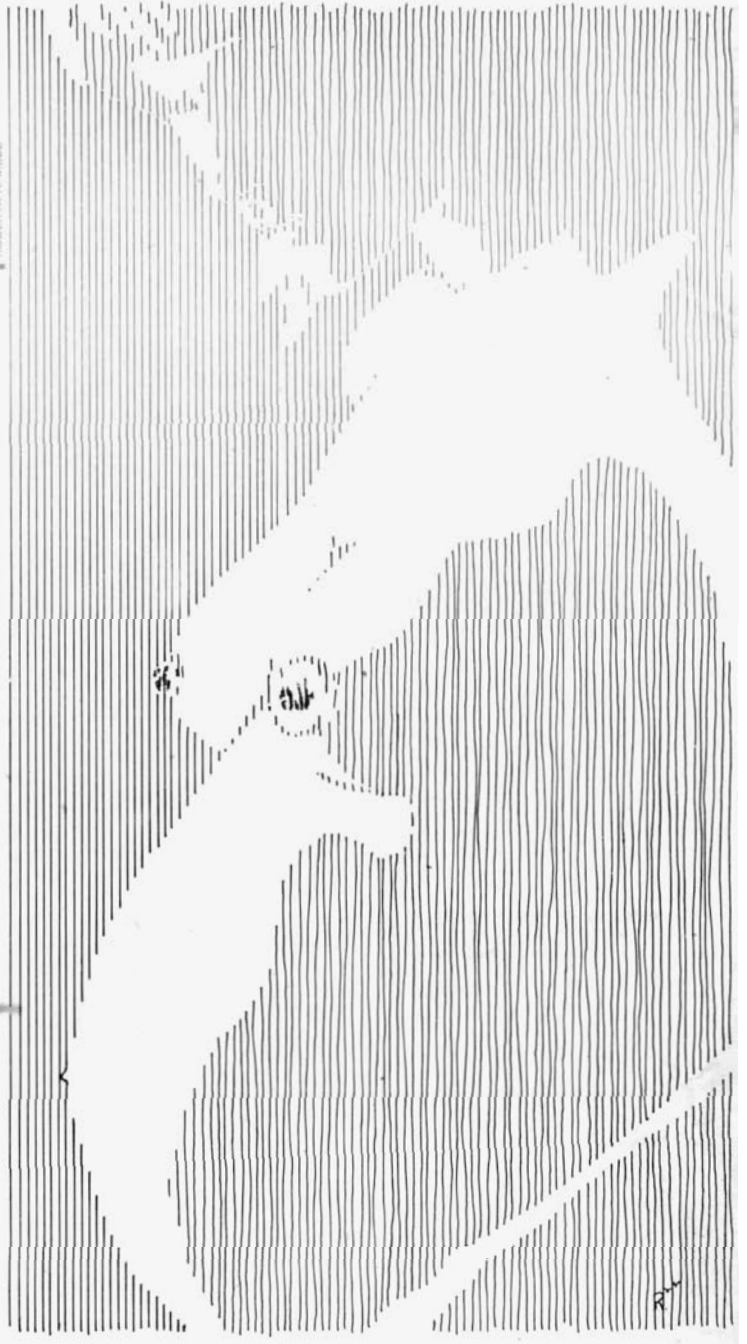
Mas não é só nos meios militares que se encontra o pensamento conservador e autoritário que prega o controle da natalidade. Carlos Alberto Salvatore, professor titular da Clínica Ginecológica da Medicina da USP, convidado — passem! — a participar da Oficina de Discussão sobre Saúde da Mulher, organi-

zada pela Secretaria da Saúde de São Paulo, tem em seu repertório as seguintes pérolas: "Somente deveriam ter filhos os casais que, após alguns anos de casamento, realmente pretendessem viver unidos e se encontrassem em condições econômicas, psíquicas e físicas para terem filhos e educá-los até os 15-17 anos de idade. O número de filhos está diretamente relacionado às condições econômicas do casal, e a explosão demográfica intimamente ligada à pobreza."

"Cabe ao governo, auxiliado pelas instituições privadas, dar assistência aos necessitados, aos pobres. O governo é responsável pela 'evolução demográfica da nação'. Portanto deve controlar o crescimento demográfico..."

"... O ensino deve ser feito principalmente para as moças púberes, pois a sexualidade deve ser controlada pela mulher. A ela cabe inclusive o controle da atividade sexual do companheiro através do 'pudor', arma feminina que infelizmente as mulheres de hoje não mais sabem utilizar como forma de adiar o início da atividade sexual quando adolescentes e como forma de atração e exaltação sexual quando madura e responsável."

E.L.



ROBERTA A. MELE

de mulheres, de saúde, etc., cobrando uma política que efetivamente melhore as condições de saúde e assegure algum nível de reflexão sobre sexualidade. O que já não pode ser feito se as entidades privadas controlistas continuarem a manter o monopólio das práticas contraceptivas junto à maioria das mulheres.

A visão dos grupos feministas

A visão de Maria José se aproxima da posição do grupo **Mulher, Saúde e Sexualidade**, do Rio Grande do Sul, que em carta ao **Mulherio** afirma: "... entendemos que o PAISM — sem entrar nos motivos políticos que estão por trás de mesmo — realmente vem de encontro a uma necessidade das mulheres. Isto não é um presente do sr. Ministro da Saúde, mas sim o fruto da luta das mulheres organizadas de todo o país e demais setores da sociedade que se levantaram contra os Programas anteriores do Governo, como o Programa de Prevenção da Gravidez de Alto Risco, o Prev-Saúde, etc."

Já o grupo goiano **Eva de Novo** elaborou um documento em que são apontadas diversas deficiências e contradições do PAISM, além de criticar a forma autoritária de sua formulação e de apontar um possível viés controlista em suas propostas. Não que o grupo recuse a ideia de planejamento familiar, mas só o aceita sob certas condições, que prevêm mudanças estruturais na sociedade brasileira. A **União de Mulheres** de São Paulo também propõe o renúncio ao Programa, pura e simplesmente.

"A meu ver, diz Maria José, devemos enfatizar uma questão que não está sendo sequer levantada, que é a participação popular nesses programas. Devemos tentar interferir na sua aplicação e não continuar resmungando pelos cantos enquanto ele vai sendo implantado."

Foi nesse sentido que Maria José participou da implantação do Programa em Goiânia, organizando sete grupos de reflexão compostos de médicos, estudantes de medicina, atendentes de postos de saúde, mulheres.

"Existe um dado a nosso favor que é o fato de que o pessoal de saúde, em sua maioria, é composto de mulheres, geralmente muito sensíveis à reflexão sobre o corpo, a sexualidade. Em Goiânia propus que toda mulher, antes de ser atendida pelo ginecologista, passasse por duas sessões de reflexão coletiva em que se discutisse corpo, sexualidade e métodos contraceptivos, utilizando cartilhas que preparei e que deveriam ser amplamente distribuídas."

"É mais ou menos por aí que eu entendo que devemos interferir de fato nos programas. Talvez uma ideia fosse a de constituir uma comissão que fiscalizasse os programas de planejamento familiar, composta pelos partidos e diversas entidades cujo papel, além de denunciar qualquer coisa errada, fosse o de assessorar os deputados, apresentar propostas e se tornar um interlocutor frente aos programas governamentais. Enfim, não acredito que o repúdio apenas retórico contribua para resolver os dramas que as mulheres vivem com relação à contracepção."

Ethel Leon

TRABALHO NOTURNO

AGORA PODE...

A oposição "dorme no ponto" e o Congresso Nacional acaba aprovando uma lei contrária aos interesses das trabalhadoras

Vapt-vupt. Foi assim, rapidamente e sem qualquer discussão, que o Congresso Nacional aprovou em junho uma lei liberando o trabalho noturno da mulher. A nova lei é uma reprodução fiel de um dos capítulos do "Anteprojeto de Reformulação da CLT", elaborado em 78 pelo Ministério do Trabalho e repudiado integralmente pelo conjunto do movimento sindical, por ser considerado contrário aos interesses dos trabalhadores.

Na época, a mobilização foi tanta que o Congresso rejeitou a proposta do governo. Mas o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, resolveu mudar de tática: desistiu de tentar passar a reforma da CLT como um todo e nos últimos meses está mandando para o Congresso pequenos projetos que alteram profundamente a legislação trabalhista. Ele escolheu um bom momento: as forças políticas estão todas voltadas para o **embroglio** da sucessão presidencial, a oposição "dorme no ponto" e vários projetos são aprovados, como este sobre o trabalho da mulher.

A nova lei é um remendo que destoa do princípio geral que rege a CLT, baseado na premissa de que a mulher necessita de proteção. Esse enfoque geral é coerente com as preocupações da época em que a CLT foi elaborada: o movimento operário via a presença feminina na força de trabalho como um dos males do capitalismo. Embora a família necessitasse de seu salário, a mulher era considerada insubstituível no cuidado das crianças e da casa. Assim, por exemplo, se manifestou um operário em 1917, durante uma assembléia de tecelões no Rio de Janeiro: "Nós não devemos ensinar o ofício a essas mulheres que amanhã virão nos substituir, mas devemos fazê-las compreender que o seu lugar é em casa, a tratar e educar seus filhos, e que seria melhor que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar".

Quase 80 anos depois, a realidade mudou. É cada vez maior o número de mulheres que trabalha fora de casa. E que postura deve adotar o movimento sindical em relação à legislação trabalhista para garantir condições dignas de vida e trabalho para esta parcela significativa da mão-de-obra, ainda profundamente discriminada e explorada?

Discutir o caminho

Há basicamente duas posições. Uma diz que se deve simplesmente revogar a legislação protecionista — que, a pretexto de proteger a mulher, acaba discriminando-a ainda mais. Outra afirma que se deve proteger a mulher na fase episódica da

Nem a lei antiga, nem a nova, atendem aos interesses das trabalhadoras

maternidade, a exemplo do que já fazem alguns países capitalistas avançados, e discutir mais amplamente os outros aspectos da "proteção", definindo melhor os seus limites e lutando para estendê-la também ao homem. Nesta linha de raciocínio, o trabalho noturno poderia ser proibido para ambos os sexos, e autorizado apenas em casos especiais.

No que diz respeito ao trabalho noturno, a verdade é que nenhum dos textos legais — o antigo ou o novo — são satisfatórios. O primeiro porque, apesar de ser o resultado da pressão do movimento operário no começo do século, tornou-se obsoleto diante do fato de milhares de mulheres trabalharem à noite mesmo com a interdição. O segundo porque, de nítida inspiração patronal, autoriza o empregador a usar a mão-de-obra feminina sem nenhum critério.

Uma coisa é certa. Num momento em que os sindicatos e a sociedade em geral começam a assumir como sua a bandeira de luta contra a discriminação à mulher, a estratégia deverá ser muito discutida. Mesmo porque, quando se trata de melhorar a condição de vida da trabalhadora, há que se lutar contra vários inimigos — não só o patrão, mas igualmente os papéis sociais, as mentalidades, a ideologia. A mulher assalariada continua carregando praticamente sozinha o peso do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos. E qual é a lei que cuida disso?

Marise Egger

A FORÇA É A FRAGILIDADE

Sete de junho de 1984.
Um discurso improvisado comove a Assembléia Legislativa de São Paulo.

Ao responder de frente pesadas acusações pessoais, a deputada Ruth Escobar transforma sua fragilidade em força. Um momento especial da política, que merece ser registrado.

Marise Egger



Ruth em seu jornal *Ruthilante*: não tem cabelo, mas tem muito peito

Parlamentares, contínuos, as moças do cafezinho, taquígrafas, visitantes, todo mundo larga tudo e dispara para o plenário da Assembléia quando os auto-falantes anunciam que a deputada Ruth Escobar (PMDB/SP) vai finalmente falar. A expectativa é grande: nos últimos dias, Ruth vinha recebendo uma série de insultos do deputado Sidney Palácios (PTB/SP), indignado por ter ela proposto uma moção solicitando ao presidente da República a eliminação do parágrafo 302 do Código de Saúde do Inamps, que considera o homossexualismo um desvio e transtorno sexual. De ataque em ataque, Sidney Palácios tinha escancarado publicamente, transformando em acusação, o ponto fraco de Ruth: por causa de uma doença, ela não tem cabelos.

Ruth vai ao microfone extremamente emocionada. O que está deixando tão transtornada essa fera desbocada, corajosa, que com tanta desenvoltura tem enfrentado acusações pessoais, ameaças

de grupos extremistas de direita, sucessivos enquadramentos na Lei de Segurança Nacional? Essa figura controvertida, que tantas vezes tem sido criticada por ser personalista e até interesseira?

É que Sidney Palácios tinha exposto seu "segredo". Quantos homens têm o mesmo defeito físico que ela sem por isso se sentirem tão constrangidos? Ruth conseguiu, ao expor-se, transformar sua fragilidade individual em força política. Ruth soube ousar. E resolver a equação que ela e demais mulheres do mundo da política têm se formulado: como se fazer entender nesse universo masculino (na Assembléia de São Paulo existem 82 deputados para duas deputadas) sem se deixar absorver pela ideologia dos homens? Como ser — e permanecer — mulher, sem que isso dificulte a atuação parlamentar?

Com seu discurso, Ruth Escobar desafiou a si mesma, diante de uma plateia atônita e comovida, num espetáculo que ela mesma armou para ter coragem de entrar em cena e arrebatar um a um, até chegar a ela mesma, tendo como cúmplices todos os presentes. Ao final, desmaiou. A mulher e política Ruth Escobar tinha parido Ruth Escobar, mais mulher e mais política, neste discurso (aqui resumido) que mostra muito das contradições do que é ser essas duas coisas.

que fizeste hoje, querida?" Muitas vezes a gente diz com um sorriso doce: "não fiz nada, meu bem". O que fez a mulher? Ela não precisou sair de casa para ir ao trabalho, a casa é o trabalho, o trabalho é a casa. Ela levanta, arruma, faz o almoço, tira a mesa, leva os filhos para a escola, dá mamadeira, espera o marido, cozinha, põe a mesa, arruma a casa, vai para a cama, faz amor, e no dia seguinte começa a mesma coisa e essa mesma coisa todos os dias não serve para transformá-la num ser humano de primeira nem sequer para fazer dela um trabalhador.

Por isso é que foi tão importante a aprovação do Código Civil.

Então eu queria dizer aos senhores: É permissível usar a deficiência ou a vulnerabilidade de alguém — que não foi a sua escolha — para tolher o crescimento dessa pessoa?

Eu uso peruca, sim. Eu tive um trauma, uma doença. Talvez essa questão seja pessoalmente dolorosa para mim, porque também recebo a influência de uma cultura de ideologia dominante que diz que as mulheres têm que ser gostosas, bundudas, ter longos cabelos sedosos e brilhantes. Talvez seja um fato doloroso para mim e eu não tenha conseguido suplantar essa questão.

Mas, nesta Casa, eu sou uma Parlamentar. Ter mais cabelos ou menos não me dá mais ou menos competência, mais ou menos dignidade, mais ou menos eficácia na condução do meu mandato.

Então, eu pergunto: se um Parlamentar nesta Casa ou fora dela disser que o outro é impotente, o que deve fazer para recuperar a moral? Subir na tribuna,

romper o Regimento e fornicar publicamente? O que é que uma mulher, se essa coisa é colocada de público, como ontem eu fui agredida por um parlamentar desta Casa dizendo que eu não tinha nem um pêlo no corpo e nem pêlos pubianos, deverá uma mulher, se ela se sentir ofendida por isso — para recuperar a sua feminilidade — subir na tribuna, descer a roupa, baixar a calça e mostrar que tem pêlos no púbis?

Que mundo cão! Que vergonha! E os machos latino americanos, onde estão? E os cavalheiros gentis que defendem a fragilidade feminina? Sou uma mulher forte, mas sou frágil também.

Sei muito bem que não vou conseguir vencer essa luta.

Quero dizer, de uma vez por todas, que não vou permitir que essas questões atrofiem o meu crescimento político nesta Casa. Minhas três filhas estão presentes aqui hoje. Se minha vida pode servir de especulação, ela é exposta e aberta.

Fui casada várias vezes. Na primeira vez casei virgem, não tive condições de repetir a façanha nos outros casamentos. Tenho cinco filhos, três netos — sou filha de mãe solteira e pai incógnito. Foi com muita dificuldade que superei muitas questões. Nunca tive medo de ser presa, torturada pela repressão. Injúrias de baixo calibre só recebi no Doi-Codi do II Exército. Mas, tenho receio, sim, de falhar ao compromisso que assumi com as mulheres, de estar aqui para lutar por um espaço maior, para dizer que uma mulher, independente de sua condição de mulher, pode ser igual, tão competente, tão eficaz, tão digna, tão inteira, tão corajosa, tão forte quanto qualquer homem.

Pode parecer incrível que eu traga para a tribuna um assunto que é pessoal, que é privado, mas que se transformou em matéria política. Quando me elegi foi para lutar pelos direitos humanos, pelos direitos das chamadas minorias, pelos direitos da mulher, do homossexual, dos negros, pelo direito à vida, à educação, à saúde, ao prazer, pelo direito à liberdade.

Quando pleiteei minha candidatura em nenhum momento me servi ou usei os meus dotes físicos ou apelei para algum tipo de beleza, para meu corpo, minhas pernas, minhas coxas, meus olhos, meus cabelos, ou meu busto. Eu não vinha a esta Casa para ser Miss da Assembléia de São Paulo. Eu me elegi pela minha plataforma de ideais, pelo meu passado, pela minha luta. Por que discuto isso hoje nesta Casa? Porque em algumas oportunidades que tive de ocupar esta tribuna, algumas vezes para assuntos polêmicos, senti direta ou indiretamente uma tentativa de me intimidar, de me coagir, de me pressionar, de me humilhar em cima de uma questão física. Várias vezes, direta ou indiretamente, foi dito nesta tribuna que uso peruca.

Nunca tive conhecimento que nesta Casa de leis ou em qualquer Casa de leis deste país, ou do mundo, os homens políticos usassem este tipo de arma para combater seus adversários. Nunca soube que numa Casa de leis um homem dissesse para atacar seu adversário, o senhor é careca, barrigudo, pesa 120 quilos, tem cicatriz no umbigo, sua mulher tem relações sexuais com outros homens. Às vezes isto, infelizmente, é utilizado para denegrir a imagem do homem. Nunca soube inclusive que uma mulher que muito respeitei, a deputada Ivete Vargas, fosse agredida por suas convicções políticas e que para isso fosse usada sua gordura, seu câncer, seus cabelos perdidos pela doença, sua peruca que às vezes usava de uma maneira irreverente, inadequada, mas que até servia para atrair simpatia para sua pessoa.

Talvez quando se fala da discriminação da mulher, muitos de V.Exas. não entendem do que se fala. Um homem, muitas vezes, tem uma vida fascinante: ele vai à guerra, vai para o espaço, aciona foguetes, vai à Lua, dirige os destinos da Nação, salva seu povo. E, quando volta para casa, diz para sua esposa: "o

UM AR NOVO SOPRA NO PARLAMENTO

ALEMANHA OCIDENTAL

Pouco conhecemos dos Grünen — os verdes da Alemanha Ocidental. Suas denúncias pacifistas, ecológicas, anti-autoritárias e feministas conseguem perfurar a carette das agências de notícias (que só tratam de política institucional) e nos são apresentadas como curiosidades das seções internacionais.

Assim ficamos sabendo que uma deputada verde subiu à tribuna do Parlamento para comentar a regulamentação do aborto e acabou discorrendo sobre as práticas sexuais na sociedade alemã, convidando o primeiro-ministro a falar sobre sua vida sexual, o que provocou um pandemônio entre os deputados democrata-cristãos e social-democratas.

Assistimos ainda pela tvê ao gesto de um Grün cabeludo que jogou um vidro do próprio sangue sobre um general americano, protestando contra a instalação de mísseis no território alemão. (O que, aliás, suscitou intensa polêmica entre os verdes que tendem a discordar do uso de meios violentos para combater a violência).

Em julho o deputado verde Willi Hoss veio ao Brasil, o que propiciou algum debate em torno das questões ecológico-pacifistas e a possibilidade de uma informação para além dos *fait-divers* de nossa imprensa.

O alternativo no Parlamento

Os verdes se constituíram enquanto partido político em 1979 e hoje representam dez por cento do eleitorado alemão no Parlamento. Formado a partir de diversos grupos ecológicos, feministas, homossexuais que consideraram urgente manter uma representação parlamentar constante, na medida em que os partidos não se sensibilizavam com suas reivindicações, o Partido Verde se organizou

tentando fazer da democracia de base, não um discurso formal, mas uma prática política efetiva.

Assim, o mandato parlamentar de um verde tem sido de dois anos (o mandato regular dura quatro) ao fim dos quais o deputado renuncia, passando a beta para um companheiro, o que vem sendo debatido, já que algumas lideranças reivindicam a permanência durante os quatro anos. De qualquer forma, permanece a idéia de que o acesso ao Parlamento não é uma alternativa de carreira política.

Os comportamentos dos deputados são discutidos e, se reprovados pela base partidária, cumpre-se a destituição do parlamentar. Isso, aliás, aconteceu com o deputado Klaus Hecher, ecologista de proa que, segundo o depoimento de 18 deputadas verdes, tinha o "hábito de colocar os braços em nossos ombros de maneira muito camarada, e depois agarrar de repente nossos seios." Esta denúncia foi amplamente debatida entre os verdes e o deputado acabou renunciando. Mas, comentou Willi Hoss, muitas pessoas acharam que essa atitude — de forçar a renúncia — foi desumana.

O cotidiano na política

É tudo isso que impressiona nos verdes. A discussão pública de uma atitude machista, o achar desumano uma punição. Questões que fazem parte do cotidiano da política e que geralmente conformam as fofocas de bastidores ou o arsenal de chantagens (vide escândalos ligados a homossexualismo, adultério, etc.) serem tratadas publicamente.

No programa dos Grünen, apresentado às eleições do Parlamento europeu em junho passado, ao tratar da questão da mulher, além de se pronunciar contra a violência, o desemprego feminino, a

Anti-macnão e anti-milico, o Partido Verde deixa rubra a páida Alemanha



A nova imagem do Partido Verde. (ilustração do programa)

discriminação, lê-se o seguinte: "Nosso objetivo é acabar com a divisão do trabalho tal como está estabelecida hoje. Tanto mulheres como homens devem ter a possibilidade de ocupar-se da casa, do cuidado com as crianças e de combinar estas ocupações com suas atividades profissionais."

Incorpora-se num partido uma visão que ainda é jovem no movimento feminista: a revalorização do doméstico, do tradicionalmente feminino. Tanto nas fotos que ilustram a ação extra-parlamentar dos verdes, quanto em seus enunciados, a família está, muitas vezes, no centro de suas reivindicações. Fala-se, por exemplo, num movimento de pais de bebês cujo aparelho respiratório foi atingido pela poluição ambiental.

Metade homens, metade mulheres

Enfim, a família é percebida enquanto um espaço onde emergem os problemas individuais — questionando noções de felicidade, conforto — e de onde se parte para questionar o social. Não que os verdes abracem uma noção de família "célula mater", baseada no estabelecimento

rigoroso de papéis masculino e feminino. O que há é o reconhecimento legítimo do espaço doméstico onde se realiza a vida afetiva.

Os verdes formulam um projeto social anti-capitalista, criticando noções de progresso identificado à industrialização, ao consumismo, à agressão da natureza. Mas não se auto-denominam socialistas, pois, segundo Willi Hoss, esta palavra está associada ao socialismo real (URSS/China), com o qual não se identificam. Entre pontos importantes de sua prática estão o dimensionamento político da subjetividade e a democracia de base, comuns ao feminismo. E que hoje significam também o acesso real das mulheres à política.

"Em nossos encontros estão sempre presentes as crianças, filhos dos militantes" — conta Willi Hoss. "A liderança nacional de nossa bancada é formada por cinco deputadas. E na escolha dos que concorrerão às eleições, um critério é sempre mantido: metade homens, metade mulheres".

Ethel León

Curtas

SINGAPURA

Esterilização social

O governo de Singapura está oferecendo cinco mil dólares para as mulheres com menos de 30 anos que queiram se esterilizar após o nascimento do segundo filho.

Há algumas normas para o recebimento dessa bolada: o salário familiar não deve exceder US\$ 715,00 por mês e o pai e a mãe não podem ter diploma colegial. Isto porque as autoridades andavam muito preocupadas com o fato de as mulheres não escolarizadas terem muitos filhos.

Para estimular a esterilização, ficou estabelecido que os filhos das mulheres mais cultas terão prioridade para admissão nas escolas.

O programa está dando resultado. Centenas de mulheres pobres procuram os postos para se submeterem à esterilização. (The Guardian)

CHINA

Realismo socialista

Na República Popular da China, as empregadas domésticas são agora consideradas uma necessidade e um reflexo da prosperidade do povo. Somente em Beijing (antiga Pequim), de acordo com o jornal *Beijing Economic Daily*, há mais de 30 mil mulheres ganhando a vida como domésticas, um número ainda insuficiente para cobrir



ROBERTA A. MELE

INGLATERRA

Feminismo sobre rodas

a demanda de milhares de famílias que já podem pagar por esse serviço. Dando uma reviravolta na antiga concepção revolucionária de que utilizar serviços de domésticas e servas era uma atitude "burguesa", os jornais já anunciam a criação, pela Associação de Mulheres local, de uma Companhia para Serviço Doméstico.

Os salários, em média: Cr\$ 17.000,00 por mês (apenas 25% do salário médio de um operário na China.) (Outwrite)

ITÁLIA

"Noi Donne" em perigo

A principal publicação do movimento de mulheres da Itália, a revista *Noi Donne* (Nós Mulheres) corre o risco de acabar, depois de 41 anos de existência e uma venda mensal de 100 mil exemplares.

Noi Donne apareceu em Paris, em 1937, publicada pelas emigrantes italianas antifascistas. Nos anos 70, já nas bancas, tratava de trabalho feminino, sexualidade e aborto.

A revista está em perigo de sobrevivência porque o governo italiano não paga, desde 1981, uma subvencão determinada por lei. E por causa da diminuição dos anúncios publicitários. (OIM-IPS)

CHILE

Prostituição infantil

O padre católico Hernan Alessandri denunciou recentemente um intenso comércio sexual existente entre menores em Santiago do Chile: "Atualmente muitas mães, perante a angústia de não ter com que alimentar seus filhos, vêm-se pressionadas a obrigar suas filhas entre 9 a 14 anos a se prostituírem para sustentar os irmãos menores. Uma antes de irem para a escola, outras ao regressarem, percorrem fábricas, supermercados, praças de táxis ou de transportes coletivos, oferecendo-se por poucos pesos. Outras vendem flores e doces na rua, além do próprio corpo que, se ainda é virgem, vale o dobro".

A prostituição infantil no Chile nunca tinha atingido as dimensões massivas que

apresenta hoje. Claro que o problema não existe só lá, mas sem dúvida a ditadura de Pinochet é responsável por mais esta violência social. (OIM-IPS).

AMÉRICA LATINA

Rede Feminista de Saúde

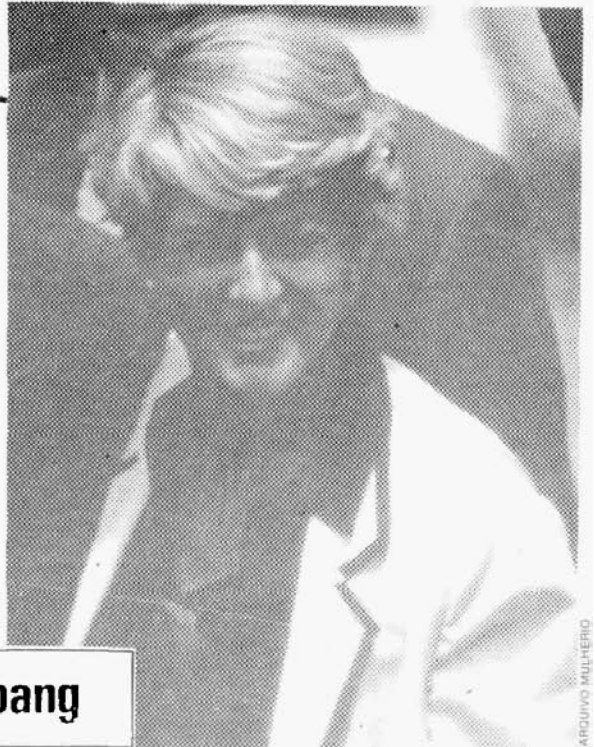
A criação de uma rede feminista de saúde a nível latino-americano foi uma das conclusões tiradas no primeiro Encontro Regional sobre Saúde da Mulher, organizado pela Corporação Regional Para o

Desenvolvimento Integral da Mulher e da Família, realizado na Colômbia entre 28 de maio e 2 de junho de 84.

A coordenação da rede ficou a cargo de Isis Internacional, em Santiago do Chile, cuja função será a de coletar e divulgar todo o material sobre saúde produzido por mulheres e grupos de mulheres da América Latina. Se você tiver material sobre isso, ou endereços de novos grupos para ir ampliando a rede, ou quiser mais informações, escreva para: Isis Internacional, Casilla 2067, Correo Central, Santiago, Chile.

EUA

Sem bang-bang



EM AGOSTO NAS BANCAS:
José Mauro de Vasconcelos,
Gabriel Garcia Marquez
e tudo sobre a 8.ª Bienal do Livro

LEIA

O JORNAL
DE LIVROS,
AUTORES
E SUAS IDÉIAS.

DESEJO FAZER UMA
ASSINATURA DO *Leia*

semestral Cr\$ 6.000
 anual Cr\$ 12.000
exterior: semestral US\$ 20
anual US\$ 40

A partir de 10/08/84
semestral Cr\$ 8.000
anual Cr\$ 16.000

nome: _____ endereço: _____
cep: _____ cidade: _____ estado: _____

Envie este cupom junto com cheque nominal para: Editora Leia - Rua Pinheiros, 928 Cep: 05422 — São Paulo ou assine pelo telefone 210-9199

Geraldine Ferraro. Loira, olhos azuis, católica, pessoa simples que faz compra em supermercado. A imprensa se espanta, ironiza, interpreta o fato novo: pela primeira vez nos 208 anos de história independente dos Estados Unidos e apenas 64 anos depois que as americanas conquistaram o direito de voto, uma mulher é candidata à vice-presidência no país.

Mas essa história começou em 1978, nas últimas eleições presidenciais, quando os analistas políticos verificaram que as preferências políticas das mulheres estão divergindo — e muito — da dos homens. Nas eleições presidenciais a maioria das mulheres votaram em Carter. Reagan foi eleito pelo voto masculino. Observadores notaram a diferença com curiosidade mas não lhe atribuíram maior importância, julgando que se tratasse de algo específico daquela eleição.

Enganaram-se totalmente. De lá para cá, a diferença entre mulheres e homens não só se manteve como aumentou, e os americanos até inventaram um termo para batizar o fenômeno: **gender gap**. Tanto nas eleições parlamentares que se seguiram, como nas pesquisas de opinião pública, as mulheres manifestam-se consistentemente menos conservadoras. Elas são mais favoráveis a subsídios aos programas sociais, condenam a invasão de Granada, são mais ativas na campanha

antinuclear. E não gostam de Reagan.

Num momento em que a diminuição do desemprego e o controle da inflação, indicavam uma vitória segura de Reagan, o candidato do Partido Democrata, Walter Mondale, foi buscar em Geraldine Ferraro um reforço para sua posição. As mulheres constituem 52,3% do eleitorado potencial dos Estados Unidos (lá, o voto não é obrigatório), e existem hoje 31 milhões de mulheres em condições de votar que até agora não se registraram para fazê-lo.

O perfil de Geraldine Ferraro parece agradar esse eleitorado. Ela se alinha com a ala moderada do Partido Democrata e é conhecida por sua grande capacidade de conciliação. Opõe-se à intervenção dos EUA na América Central, apóia o congelamento de armas nucleares e responde em grande parte pela apresentação de objetos de interesse das mulheres no Congresso. É feminista e católica, "pró-molha", defendendo o direito feminino ao aborto legal.

Se a impopularidade do atual presidente já era grande entre as mulheres, a indicação de Ferraro deixa-o balançando na corda bamba. Não ser que Reagan descole uma grande tirada publicitária, algo assim como a de Thatcher. Ou que reedite seus filmes de bang-bang co-estrelado por uma versão loira da nossa Roberta Close.

DINAMARCA

Lá também, mais radicais

mulheres estão se revelando eleitoras mais progressistas do que os homens. Uma pesquisa feita na Dinamarca durante as eleições legislativas de janeiro deste ano mostrou que as mulheres se opõem mais radicalmente que os ho-

nuclear já teria sido introduzida na Dinamarca", diz a pesquisa. Ela mostra também que a orientação política das mulheres depende de sua relação com o mercado de trabalho. Assim, as donas-de-casa e as que trabalham em tempo parcial votam nos candidatos escolhidos pelos maridos. As que trabalham o dia inteiro em geral, escolhem partidos e candidatos mais à esquerda que seus maridos.

(Femmes d'Europe)

AS
BÓIAS
FRIAS



Fogo no canavial. Jovens bóias-frias estão dispostos a tudo para impedir a exploração-limite da força de seus corpos. Agarradas às mãos das crianças, as mulheres estão na retaguarda alimentando a luta — violenta, vitoriosa, que se espalhou que nem fogo entre os trabalhadores de toda a região de Ribeirão Preto, SP.

A violência explode no Brasil rural. Ameaças, terror, assassinatos, esses são os métodos usados pelos grileiros, grandes proprietários e grupos econômicos para arrancar nossa população rural da terra. Terra transformada em gigantescas monoculturas, a paisagem desfigurada, a ecologia violentada — tudo isso a serviço de um modelo de indústria contrário aos interesses do trabalhador.

E nossa população, nossa digna, ancestral, sábia população rural vem sendo reabsorvida como bóia-fria — mão-de-obra superexplorada, subempregada, sem direitos trabalhistas e com trabalho temporário. Que vive no limite da sua força física, na luta direta pela sobrevivência.

A essa realidade as mulheres lavradoras contrapõem uma chama viva, uma garra forjada num trabalho “sem fôlego” na roça e na família, continuamente nutrindo a vida. Assumindo posições de frente, como em Barretos, onde na comissão de 15 trabalhadores que negociou com os patrões três eram mulheres. Ou em Dobrada e Santa Rosa do Viterbo, onde estão na presidência do Sindicato.

Força que sabe manter a ternura, a graça, a beleza, elas persistem no sonho de uma vida feliz. Força cálida que mantém a comunhão entre si e a solidariedade com os homens, apesar da clara consciência de que são exploradas no trabalho com as crianças e com a casa - que continuam fazendo sozinhas.

VENTO E FOGO NO CANAVIAL

Inês Castilho e Reinaldo Pinheiro

Na noite de 23 de abril deste ano, em Mococa, próximo à divisa do sul de Minas, 200 a 300 pessoas munidas de pedaços de manilha investem contra o prédio da Sabesp e ateam fogo num veículo. Teria sido, a rigor, o começo das manifestações dos bóias-frias no Estado de São Paulo. Quase um mês mais tarde — 15 de maio — a pequena cidade de Guariba, com 25 mil habitantes, distante 365 kms a noroeste da Capital, na região de Ribeirão Preto, amanhece em pé de guerra: uma multidão de bóias-frias invade, incendeia e derruba dois prédios da Sabesp, coloca fogo em três veículos, depreda e saqueia um supermercado e danifica uma casa. É a explosão da revolta bóia-fria.

Espremidos pela fome e pela miséria, indignados com a alta do custo de vida, as exaustivas jornadas de trabalho e com a figura do “gato” (espécie de capataz-



Um grande interesse pelos "direitos da mulher".

Sobra da Sobra

A acompanhar o dia de trabalho das bóias-frias na roça se sabe que não é fácil porque não se trabalha de cortadoras de cana, trabalho mais conflituoso por ser pago por tonelada, sofrer a exploração do "gato" e estar a mercê das épocas de safra. As mulheres com quem estivemos são registradas, têm trabalho o ano todo e recebem, desde maio, 220 mil cruzeiros mensais por oito horas de trabalho diário (mais meia hora de almoço e uma de lanche), seis dias por semana. O "gato", também contratado pela usina, desempenha o papel de chefe e controla horários e produção.

Mas não é apenas desse tipo de trabalhador que se compõe o contingente de mulheres bóias-frias do Estado. Na periferia de Ribeirão vivem mulheres que trabalham na roça apenas esporadicamente, quando a saúde não aguenta mais o emprego doméstico ou não têm nada para comer no dia seguinte. É a sobra da sobra, diz a socióloga Conceição D'Incao — mulheres desagregadas, vários filhos de diferentes companheiros, muitas vezes alcoolatras.

Pesquisando as soluções encontradas pelas mulheres que trabalham fora com relação à guarda dos filhos pequenos, Lara Bega de Paiva e Beatriz Monteiro (da USP de Ribeirão) se depararam com cerca de 80 mulheres que vivem nessas condições. Deparam-se também com as manhas do "gato", que junto com a frota de caminhões mantém mercearias onde os bóias-frias são obrigados a retirar em mercadoria, a preços extorsivos, uma parte do pagamento; que paga diárias menores às mulheres; que obriga os trabalhadores a usarem suas próprias ferramentas; e que pune qualquer manifestação de revolta não aparecendo com o caminhão para levá-los ao trabalho no dia seguinte.

Ameaças de mecanização

"Está sobrando gente. Os usineiros mais avançados estão fixando mão-de-obra porque isso lhes dá condições de selecionar os mais fortes. É por isso que trabalhando como bóias-frias estão principalmente as mulheres, os velhos e as crianças". Conceição D'Incao explica o nível de sofisticação a que chega a exploração falando ainda da "pingaia" — velhos que trabalham em troca apenas de pinga e de comida.

Há também os "mineiros", trazidos do sul de Minas ou da Bahia especialmente para as safras. Jovens e fortes, eles dão tudo no trabalho. "São em geral filhos de pequenos proprietários que vêm trabalhar durante a safra para aumentar a renda familiar", explica Conceição. "Os usineiros preferem porque eles são mais facilmente controláveis — vêm sem mulheres e na maioria das vezes ficam morando em barracões dentro da própria usina. Quatrocentos homens

num barracão, parece um presídio".

Há ameaça de mecanização da colheita, usada como terrorismo contra os trabalhadores — porque de fato se sabe que as máquinas são anti-econômicas no corte da cana. Há promessas de boia-vente. O que se sabe, porém, é que nem o acordo de Guariba os usineiros estão querendo cumprir e os bóias-frias sabem que ainda terão de lutar muito para garantir suas conquistas.

Essas conquistas, porém, ainda não incluem alguns serviços básicos que qualquer patrão urbano é obrigado a oferecer para seus empregados: sanitários, refeitório, condições para manter a comida aquecida, água potável para beber. Foi pensando nisso que a engenharia ambiental Alda Marco Antonio, do Conselho Estadual da Condição Feminina, projetou e está tentando obter recursos para desenvolver o protótipo de um equipamento tipo **trailler** que seria puxado pelo caminhão e ficaria estacionado junto a cada turma de 50 trabalhadores, com todos esses recursos.

Enquanto isso, a ideologia patronal justifica a exploração com explicações "naturais". Falando sobre as bóias-frias, um gerente de fazendas diz: "São umas vagabundas. Não querem fazer nada a não ser colocar filho no mundo".

O que leva a pensar em uma mulher negra, 107 anos, avó de duas bóias-frias de Ribeirão que, além de tomar conta de cinco bisnetos para as netas trabalharem, ainda mantém algumas galinhas e uma pequena horta no fundo da favela onde mora.

OUTRAS ESTÃO NASCENDO

A 12 de agosto do ano passado era assassinada à queima-roupa com um tiro de espingarda de grosso calibre cheio de pregos enferrujados (que lhe desfigurou o rosto) Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Paraíba. Confirmavam-se assim as ameaças que ela vinha recebendo desde 1980, quando começou a ganhar força a luta dos trabalhadores rurais por seus direitos mínimos, como 13.º salário e Carteira assinada.

O mandante do crime, embora claramente identificado pela população, continua impune. Seria o proprietário da única usina de Alagoa Grande, a Usina Tanques, mais 11 fazendas no município e cerca de 60 fazendas em todo o Estado. Seu nome é Agnaldo Veloso Borges, chefe político do chamado **Grupo da Várzea** — ligado a Maluf e ao Secretário da Segurança Pública da Paraíba, Fernando Milanez, que controla pelo menos dez dos 27 representantes do Estado no Colégio Eleitoral. No entender do povo, o grupo foi mandante também do assassinato do lavrador Pedro Teixeira, presidente da Liga Camponesa de Sapé, em 1962.

A carta abaixo, enviada a Agnaldo Veloso Borges por Margarida a 19 de fevereiro de 83 e publicada pelo jornal **O Norte**, de João Pessoa, a 28 de agosto desse ano, revela claramente as ameaças que ela vinha sofrendo:

"Recebi o seu recado que o sr. Nico-medes Lucas me trouxe, dizendo que o senhor mandou dizer que eu, presidente

do Sindicato, não criasse caso em propriedade da Usina, pois recebi ameaça que dizia "não crie caso para o seu bem".

O nosso caso não é criar caso em propriedade de nenhum cidadão, o que estamos fazendo é cumprindo nossa missão e não criando caso, como disse o sr. Nico-medes. Caso está criando aquele que não está cumprindo as Leis, ou seja, não pagando o salário mínimo, 13.º salário, férias, cortando fruteiras e proibindo o trabalhador de plantar na terra, expulsando o rurícula da terra sem os seus direitos, mas nós sindicalistas estamos cumprindo a lei e na defesa dos direitos dos outros.

Pois o senhor sabe muito bem que não é cumpridor das leis trabalhistas e agrária que temos em nosso País.

Renovamos o mais alto protesto de estima e consideração".

Um ano depois, é preciso continuar dizendo não à impunidade da violência neste país. É preciso multiplicar o número de cartas e telegramas (por ocasião da morte de Margarida foram mais de mil, de 15 países diferentes) enviados aos responsáveis por exercer a Justiça, mostrando que estamos alertas.

Cartas para: Presidente da República Federativa do Brasil, João Batista de Figueiredo, Palácio da Alvorada, 70000, Brasília, DF; e para Governador de Estado Wilson Braga, Palácio da Redenção, 58000, João Pessoa, PB. **Cópias para:** Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Rua Dr. Francisco Montenegro 360, 58358, Alagoa Grande, PB.



Fim do dia: é hora de voltar para casa e recomeçar o trabalho.

Elizabeth Souza Lobo

Nos dias 7 e 8 de julho, durante o congresso da SBPC, quase 150 representantes de grupos feministas de todo o país se reuniram em São Paulo. Contar o que aconteceu no encontro é também tentar responder a uma pergunta: afinal, a quantas anda o movimento feminista no Brasil?



Entrar no país, reunidas em São Paulo

“O FEMINISMO É UMA CACHAÇA”

Relato pessoal e parcial de uma viciada

“Os melhores ganhos devem passar pelo teste da perda para que sejam ganhos”.
(Emily Dickson)

Todo encontro de mulheres feministas começa num sábado. À tarde. Com café, cartazes, jornais, abraços. Todas falam muito e chegam à conclusão de que no dia seguinte é preciso continuar falando. E no final — suspense — perde-se a lista de presença.

Nesses já quase dez anos de movimento, formamos, reformamos e dissolvemos grupos, fomos e voltamos, entramos e saímos, seguindo o modelo da trajetória feminina na vida profissional onde recebemos a solene classificação de “ativas descontinuas”: alternamos a atividade profissional com dedicação exclusiva às atividades domésticas, conforme o ciclo vital, os (des) casamentos, os filhos que nascem e crescem. Muitas abandonam definitivamente o mercado de trabalho. Algumas (talvez muitas) deixam o movimento. Mas a maioria vai e vem. Porque afinal, segundo a fórmula brilhante de Rosalina Santa Cruz, de São Paulo, o feminismo é como cachaça. Vicia.

Assim nos reencontramos entre viciadas novatas ou reincidentes na SBPC de 84. No ar um certo sabor amargo de desencanto. Afinal fala-se por toda parte na “segunda etapa”, na volta ao lar das mulheres transviadas dos anos 70, em

vestir um penhoar de rendas vermelho e reconquistar o marido. Quem sabe até deve-se deslizar graciosamente do leito no domingo de manhã e preparar-lhe o café da manhã, servido na cama, em bandeijinha de madeira ou prata, como aconselhava a revista *Claudia* nos idos de 60.

Sente-se que os grupos feministas estão pequenos, não há mais grandes Congressos. E mesmo se aqui e ali as novas parlamentares agitam e muito, o *Mulherio* ressurgiu e há trabalhos francamente exitosos e espaços que se abrem a nível institucional, há quem diga que o feminismo está morto e que se trata agora de ver quem vai carregar o caixão. Teremos pendurado não as chuteiras mas os sutiãs, antes queimados em praça pública para escândalo de uma sociedade bem comportada que prefere as coelhinhas de *Playboy* a bruxas desordeiras? De onde vem o “cansaço”, o “desgaste”, apontados em muitos depoimentos? A pergunta ficou no ar.

O balanço: é hora de pensar

Gastamos a primeira tarde na melhor tradição de ouvir e dar informes. Havia mulheres de nove estados. Em Curitiba e Goiás grupos estão surgindo. Em São Paulo grupos desaparecem, outros se criam. Brasília se propõe passar do ativismo à reflexão. Minas está onde sempre esteve (no bom sentido...) O Conse-

lho da Condição Feminina em São Paulo “é um ser em busca de identidade”. O SOS — Corpo do Recife uma realidade.

O balanço é ainda e apenas descritivo, às vezes descambiando ligeiramente para o “merchandising”. Mesmo assim algumas questões se colocam:

1 — A questão fundamental para a prática política liga-se hoje ao enfrentamento do Programa de Saúde da Mulher do Governo Federal. Alguns dos grupos mais ativos que trabalham este tema: “SOS — Corpo (Recife), Sexualidade/Saúde (São Paulo) e Sexo Explícito (Rio).”

2 — Os SOS violência enfrentam impasses na sua prática, “dilacerados entre um quase assistencialismo e a propaganda do feminismo”. É preciso recuperar suas propostas.

3 — A questão partidária dividiu profundamente o movimento e o feminismo divide hoje, por sua vez, os partidos. O tema provocou tanto as mais belas falas da tarde — a de Rosalina Santa Cruz, de São Paulo, a de Hildete Pereira, do Rio e a de Ângela Borba, também do Rio — como os mais pesados silêncios.

Colocadas as questões, é hora de pensar, planejar, concretizar.

O dia seguinte era um belo domingo e até começou bem. A reflexão sobre feminismo / política / partidos nos permitiu refazer os caminhos percorridos. Começar o balanço da década.

A emergência das mulheres como sujeitos políticos na sociedade brasileira dos anos 70 se fez em níveis diversos e

com temas e reivindicações diferentes, como já se repetiu exaustivamente. Desde as lutas cotidianas contra a carestia, por creches, saúde, transporte ou habitação (não esquecendo a incrível experiência dos saques em São Paulo e no Nordeste) até as reivindicações democráticas ou propriamente feministas (contra a violência, pelo acesso à contracepção e pelo aborto, contra a esterilização e o controle de natalidade).

A heterogeneidade temática e social deste amplo movimento — não estruturado, nem hierarquizado, mas muitas vezes bem organizado — foi talvez a sua contribuição política mais importante ainda que muitas vezes incompreendida, ou mal compreendida. Nem nós mesmas aceitávamos ou valorizávamos esta aquisição de heterogeneidade como instrumento e condição para uma política democrática, como prática que permite enfrentar um dos fantasmas mais caros das feministas: o poder.

“Porque o poder — diz Barthes — está presente nos mecanismos mais finos das relações sociais: não só no Estado, nas classes, nos grupos, mas também nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nas investidas liberdoras que tentam contestá-lo.” (1)

Investimos contra as várias formas de poder em/utidas na divisão sexual do trabalho que desqualifica o trabalho feminino, no "amor" que mata mulheres culpadas de serem na TV a "liberada" Malu, na esterilização massiva das mulheres culpadas de serem pobres.

E também nos investimos de poder. Pretendeu-se definir se as mulheres da periferia preferem "pão ou sexualidade" como se ambos não fossem direitos inalienáveis de qualquer ser humano. Pretendeu-se falar em nome das que nunca têm voz sem nunca consultá-las. Excluímos quem não era do mesmo partido ou da mesma tendência, omitimos fatos e textos que vinham de mulheres de outros partidos, desconfiou-se sempre de inconfessáveis propósitos partidários quando alguém fazia uma crítica ou pensava de outro modo.

Algumas defenderam a autonomia do movimento e criaram organismos partidários para dirigi-lo ou representá-lo. Outras sucumbiram à velha tentação de atrelar as mulheres a todas as palavras de ordem "justas" ou ambíguas: contra o arrocho, contra o desemprego, diretas-já e até Tancredo-já. O problema não estava só na justeza da palavra mas na forma de utilizar o movimento e de fazer política utilizando os movimentos sem que eles possam decidir.

Com tantos acertos e desacertos conseguimos provar, pelo menos, que não há uma política feminista "pura", "justa e limpa", por definição, porque somos mulheres e porque todo o poder é masculino. O poder feminino também pode ser autoritário e injusto, apesar de nossas belas intenções e discursos.

Mas, entre mortas e feridas, há pedreadistas e petistas que podem dizer — como Hildere, Angela e Rosalina — que é possível trabalhar de forma aberta, democrática em torno de lutas comuns, guardadas as diferenças que são às vezes profundas e difíceis de aceitar, sobretudo quando diluídas sob um discurso acurado de falsa unidade. Mais do que isto, a Rosalina pode dizer, por muitas de nós, que estar num partido não é sinônimo de anti-feminismo (é apenas nossa segunda cachaca), e que o feminismo coloca para os partidos, e para a sociedade, questões fundamentais.

E pois possível uma política feminista que não seja exclusiva do gueto das mulheres. Uma política que, partindo de uma reflexão particular sobre as relações entre os sexos, como apontou Moema Viezzer, questione a sociedade sobre suas práticas de igualdade e seus objetivos autoritários de homogenizar e normalizar. E recupere antigas noções de liberdade, de "pluralidade de desejos", de "pluralidade de discursos" (2) e de democracia. Uma política que articule as formas de denominação de classe, de sexo, de raça, de cultura, a partir desta compreensão tão simples de que mulheres e homens sentem, pensam e vivem de forma diferente e inter-relacionada e que a diferença não pode servir de base para uma relação de dominação nem no espaço público, nem no espaço privado.

Perdemos o bonde andando

Chegar até aí justificaria todo o cansaço, o desgaste acumulado, as ilusões que ficaram perdidas nestes quase dez anos em que saímos "pelas estradas". E seria



suficiente para fazer planos realistas, "pe no chão", como queriam as meninas de Brasília, e que nos permitissem continuar sonhando e desejando.

Mas, não entendendo por qual sortilégio maléfico, em vez de discutir o programa do Governo sobre Saúde da mulher, que permitiria retrair novos caminhos, embarcamos numa estéril discussão sobre a organização de um encontro de mulheres latino-americanas no Brasil, sem avaliar se temos condições concretas de realizá-lo, por que realizá-lo e para que realizá-lo. Enfim, discutimos sem que nem porque. Alguém sonhou já com sambódromos, uma ou outra deve ter pensado em lista de entidades que apoiem, discursos etc. Mal começávamos a exercer os fantasmas dos partidos, do poder e da política e nos deixamos embalar pelo canto de sereias dos grandes rituais. E a decisão votada e re-

vogada terminou nas mãos de uma comissão.

Enquanto isso as propostas dos SOS — Corpo e do Sexualidade / Saúde, os impasses dos SOS — Violência ficaram para a resaca, ou para depois do velório, como quiserem.

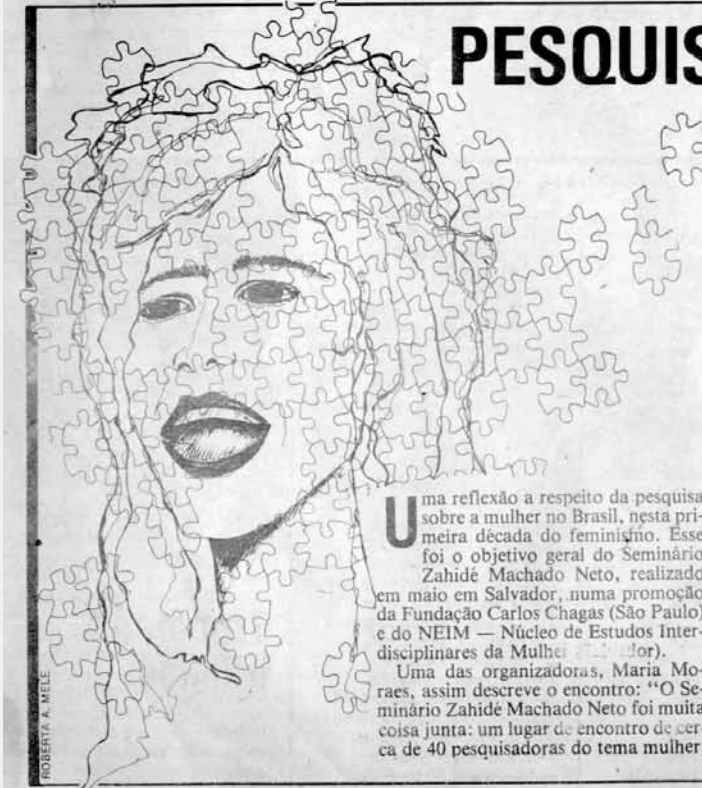
Acho que desta vez perdemos o bonde andando. Mas não importa.

"Os verdadeiros processos de dissidência não são recuperáveis, nem podem ser dados de presente aos adversários. De fato a revolução continua", dizem Guattari e Negri. (3)

Outras mulheres estão nas ruas. Por sorte. Vou tratar de partilhar novas caçaças.

1 - Leyla Perrone Moisés: Roland Barthes. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 61
2 - idem, p. 62
3 - Felix Guattari, Toni Negri: Les nouvelles Lignes d'Alliance. mimeo, s/ data.

PESQUISA: AINDA NUM GUETO



de vários Estados brasileiros; debates com jovens estudantes sobre "Sexualidade e Reprodução" e "Políticas Públicas e Movimentos de Mulheres"; uma tarde de projeção de vídeos e filmes produzidos pelas fundações Carlos Chagas e Ford; o momento do balanço de nossas deficiências e vazios teóricos; momento de problematizar a relação "natural" entre pesquisa e militância feminista; momento de questionamentos radicais: e a cor? as tradições étnicas? Vamos finalmente assumir que os indivíduos são sexuados, têm cor, idades diferentes, determinada aparência física (qualificada como bonita, feia, elegante, pesada) e pertencem a culturas, camadas sociais e classes sociais diferentes? Falamos da diversidade."

"Nós mesmas — prossegue Maria — "espelhávamos nossa diversidade como mulheres: jovens, senhoras, casadas, divorciadas, solteiras, brancas, na maioria, mas também negras e mulatas. Universitárias todas, com domínio do discurso. Heterossexuais, homossexuais, ricas, remediadas, ternas, competitivas... Diferentes. Unidas por nosso papel na reprodução biológica. Mas vivendo de maneira muito diversa a experiência da relação com os homens, com a maternidade, com as outras mulheres, com o trabalho."

Essa diversidade se refletiu também

nos trabalhos apresentados durante o encontro. Eis trechos de três exposições de pesquisadoras:

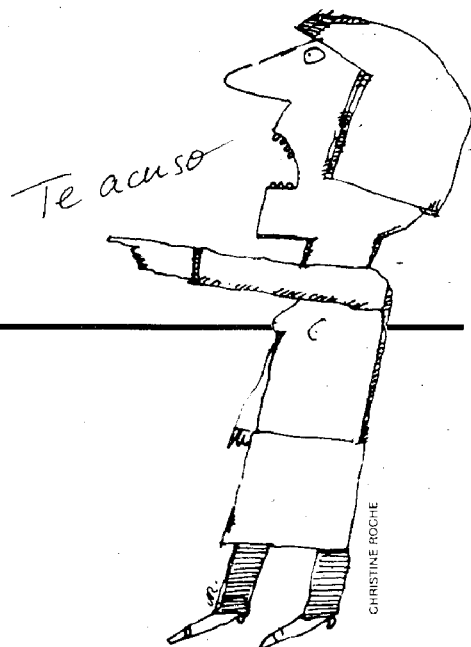
• "O principal problema que percebo nos estudos sobre a mulher no Brasil é que eles, inclusive os meus, são excessivamente reiterativos. Em outras palavras, são protocolos da subordinação feminina." (Maria Valéria Junho Pena)

• "Os estudos sobre mulher não foram incorporados à corrente principal das ciências humanas. Sobrevivemos nas margens, nas franjas. Um indicador seguro do menor prestígio da área é o fato de que a maioria dos pesquisadores sobre mulheres são mulheres. A crescente especialização nas ciências sociais por si só não explica essa espécie de apartheid onde nos instalamos. Temos nos movido num espaço auto-referido e segregado". (Albertina de Oliveira Costa)

• "Não se trata mais de reivindicar o estatuto de estudos "específicos", mas sim integrar às ciências sociais como um todo as contribuições de nossos estudos. Até agora, o que se estudou sobre o homem referia-se à condição humana e o que se estuda sobre a mulher é visto como feminino. E preciso dar à mulher o estatuto de humanidade. Quando se estuda a mulher não é apenas a sua condição "específica" que está em jogo, mas é a condição humana que está sendo vista com novos olhos" (Cynthia Sarti).

ROBERTA A. MELE

FEMINISTA É MULHER?



“Por trás de toda feminista, tem sempre uma mulher enrustida”

As gargalhadas gerais na plateia durante a peça **Besame Mucho**, de Mário Prata, indicam que temos muito o que perguntar a respeito dessas duas palavras que se encontram (ou se chocam): a feminilidade e o feminismo.

A ideia de que as feministas possam não ser mulheres parece-me bastante instigante. Trata-se de uma exclusão, de uma definição pela negativa. Ou melhor: é a parir dessa negativa que é construída uma imagem das feministas como não-mulheres, colocando-as numa espécie de limbo de identidade sexual. Quais são os porquês dessa oposição? Como é que isso foi, e continua sendo produzido?

Sem dúvida os rapazes do **Pasquim** têm uma importância histórica nessa história. A antológica entrevista com Betty Friedan no início dos anos 70 dava os contornos com os quais começava a se esboçar uma imagem das feministas no

Brasil: “Feminista é feia. Feminista é frustrada na cama. Mulher só discute política quando não tem com o que rebolar. O melhor movimento das mulheres é o dos quadris.”

Em outras palavras, o que esse pessoal estava dizendo era pura e simplesmente: “Feminista não é mulher”. Pior ainda: não é porque não pode. Transformaram o **não querer em não poder**. Daí para frente foi tudo uma questão de difusão dessas ideias. E não faltaram voluntários para fazê-lo.

Isso me lembra uma afirmação da psicanalista Piera Aulagnier: “Feminilidade é coisa de homens...” São eles que estão por aí dizendo que “Amélia é que era mulher de verdade”, ou que “Você não passa de uma mulher...”

Feminista, eu????!!!

Neste **trailer** de indagações, não custa a gente se perguntar também sobre a razão pela qual tantas mulheres que assumem sua vida de forma bastante independente se recusam a reconhecer-se como feministas. Cabeças feitas pela turminha do **Pasquim**? Pode até ser que sim, mas não necessariamente.

Lembro-me particularmente de uma entrevista já antiga de Elis Regina e outra, mais recente, de Adélia Prado. Mulheres que eu sempre admirei; mulheres de garra e sensibilidade. Por que tanta dificuldade em aceitar o “rótulo”? Como elas, tantas outras, famosas ou anônimas, para quem o feminismo é um peso.

Suponho que, para essas mulheres, dizer-se feminista significaria ter que abdicar de sua condição de mulher, sem dúvida um fardo pesado. Pergunto eu se as feministas estariam dispostas a carregá-lo...

Talvez seja saudável assumirmos — pelo menos a nível hipotético — que o feminismo também pode ter alguma culpa no cartório quanto à construção dessa imagem. Não haveria algo no interior mesmo da proposta feminista que recusaria a feminilidade? Ou isso se daria apenas na prática política do movimento?

Alguns aspectos me tocam particularmente. Um deles é a constituição da ideia da **verdadeira mulher**, que muitas vezes é pano de fundo das denúncias e análises feministas. A **verdadeira mulher** estaria em permanente luta contra a “mística feminina”. É uma entidade

abstrata e onipotente, espécie de mãe fálica freudiana, lembrando-nos a todo instante os nossos deslizos de “mulherzinhas”. Essa figura de alguma forma habita o feminismo, fantasma deste e, quem sabe, musa inspiradora dos rapazes do **Pasquim**...

O que me parece mais grave nisso tudo é que à ideia de uma **verdadeira mulher** se contrapõe uma outra: a da **falsa mulher**. Atestador da feminilidade, do mesmo jeito que aqueles a quem contesta, o feminismo estaria ajudando quem é e quem não é. O mesmo processo de exclusão. Lugar do Saber, lugar do Poder.

De outro lado, há algo que poderíamos chamar de “prazer da feminilidade”, com o qual o feminismo ainda lida com dificuldade. E não sem razão. Pois o que me parece complicado é justamente a tentativa de se discernir a feminilidade da mística feminina. Será possível?

Assumir o novo sem ditar regras é propor o inominável. Como todos os mistérios, a feminilidade aponta para várias direções, dos estereótipos à poesia. E, nesse jogo, estamos de olhos vendados.

Eliane Robert Moraes

Curtas Vereadoras não dão folga

A Câmara Municipal de São Paulo, na sessão plenária de 13 de junho de 1984, aprovou projeto de autoria da vereadora Irde Cardoso / PT, estabelecendo prazo de 120 dias para o Executivo e Legislativo estudarem a implantação de creches em todos os órgãos e repartições públicas municipais. Segundo Irde, “é preciso que as entidades do funcionalismo e do professorado, associações das Secretárias e demais repartições públicas se manifestem a respeito e pressionem o prefeito a sancioná-lo rapidamente.” A vereadora Ida Maria / PMDB, enviou indicação ao prefeito solicitando a elaboração de um projeto de lei visando licença por 120 dias, com vencimento integral, ao funcionário ou servidor que adotar criança de até sete anos. A nível estadual e

federal já estão sendo elaborados projetos nesse sentido. Que isso também aconteça a nível municipal pois a extensão da licença maternidade para quem adota crianças é reivindicação de muitas mulheres.

O Conselho agita em Minas

O Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais está desenvolvendo o Projeto Pró-Memória da Mulher, com a finalidade de inventariar, classificar e divulgar obras, documentos e materiais de valor histórico, artístico e científico produzidos ou relativos à mulher. Para aumentar o acervo do Projeto, o Conselho está pedindo a colaboração de quem tiver algum material que possa ser útil. O endereço para remessa é: Conselho Estadual da Mulher, Praça Carlos Chagas 49, 10º andar, CEP 30000, Belo Horizonte, MG.

REDE MULHER

A Rede Mulher é uma instituição e uma proposta de trabalho a serviço do movimento popular de mulheres. Surgiu em 1982, a partir de uma ideia da socióloga e educadora Moema Viezzer, tendo como principal linha de ação a pesquisa participante, a educação e a comunicação popular entre mulheres organizadas ou em fase de organização, em São Paulo e outros estados.

Atualmente elas desenvolvem um projeto de pesquisa e avaliação sobre Clubes e Grupos de Mães das Zonas Leste e Sul de São Paulo, para reconstruir sua história e analisar os objetivos, propostas e tendências desses grupos. A entidade possui uma biblioteca e um centro de documentação a serviço das organizações de mulheres, realizando intercâmbio desse material com outros grupos afins no Brasil, América Latina e Caribe.

Para entrar em contato com a Rede, escreva para Caixa Postal 1803, CEP 01051, São Paulo, SP, fone 262-9407.

ICASC chamando...

Nos dias 22 a 28 de julho realizou-se em Amsterdã, Holanda, o Tribunal Internacional sobre os Direitos Reprodutivos, organizado pelo ICASC — International Contraception, Abortion and Sterilisation Campaign, uma organização feminista cujo objetivo é lutar contra a esterilização forçada, apoiar campanhas pelo direito ao aborto livre e sem riscos e por uma contracepção segura e eficaz que sirva aos interesses das mulheres.

O Tribunal “pretende denunciar os métodos das organizações de controle da população que atuam nos países do Terceiro Mundo; o controle que os governos e a Igreja exercem sobre nossos corpos, sobretudo nos países onde o aborto é ilegal e onde é difícil encontrar a maioria dos métodos contraceptivos. Também vamos discutir como as mulheres podem se organizar melhor contra o poder das multinacionais farmacêuticas e em apoio às lutas das

mulheres de todo mundo”, afirmam Marge Herer e Beatryx Stermer, do ICASC, em entrevista que deram a Maria José de Araújo, em setembro de 83.

Elas reclamaram que, apesar do ICASC manter contato com grupos de mulheres de 44 países do mundo, a maioria das informações que utilizam sobre contracepção, aborto e esterilização são retiradas de revistas, jornais, etc. Gostariam que os próprios grupos enviassem esse material para publicação nos boletins do ICASC. O endereço é: 374 Grays Inn Road, London WCL, England.

Trimm, triimmm



O CIM — Centro Informação Mulher — já está com telefone: (011) 289-4818

01020114

Leitura

MANHÊEEE...

CRIANÇAS VIOLENTADAS

Violência de Pais contra Filhos: Procuram-se Vítimas, de Viviane N. de Azevedo Guerra, Cortez Editora, 1984. (Tese de mestrado em pós-graduação em Serviço Social na PUC — SP).

Por mais incômodo que seja, o tema vale o livro. É sempre importante trazer à luz os "temas malditos", como aponta a autora. Ela trabalhou com dados colhidos em 1981 em processos judiciais de agressões físicas de pais ou substitutos contra crianças de zero a dez anos de idade.

O livro relata estudos feitos em lugares e épocas diferentes sobre a violência contra crianças, em especial os de Janusz Korczak, judeu-polonês que escreveu no princípio do século e que compara a opressão da criança à sofrida pela mulher ao longo dos tempos.

Viviane Guerra faz um histórico da legislação relativa a tais abusos, da evolu-

ção da família com o avanço do capitalismo e da interferência crescente do Estado na vida familiar para maior controle da mão-de-obra. E mostra como os interesses reais da criança ficam muitas vezes em segundo plano: ela tem sido vista de forma desvalorizada, cujos desejos devem ser reprimidos em prol da socialização.

O problema sem dúvida é gravíssimo. No Brasil não existem estatísticas precisas mas em outros países verifica-se uma tendência crescente desse tipo de violência, e as diferentes medidas tomadas para combatê-la têm se mostrado ineficazes. Dai a necessidade de chegar às causas para atacar o problema.

Violência de pais contra filhos tem leitura fácil e nenhuma pretensão em resolver o problema. Mais do que tudo, chama a atenção para a gravidade dessa situação, e este me parece ser seu maior mérito. Tanto na medicina — pioneira nesses estudos — quanto em outras áreas de conhecimento, muitos recusaram-se, e recusam-se, a olhar de frente algo tão incômodo.

A autora propõe algumas teses, que são também a conclusão do trabalho. Desmistifica a família como lugar sagrado de proteção aos filhos, mostrando uma família em crise, com mudanças nas imagens paterna e materna. Revela que a agressão não ocorre só nas classes populares, embora estes sejam os casos com maior número de registros, pois as classes privilegiadas têm maiores condições de esconder o problema quando ele ocorre. Situa a violência doméstica no âmbito da violência mais geral da sociedade. Deixa claro que as causas são muitas, e que o ato violento não tem uma só explicação.

O que me parece que falta ao livro, no sentido de detectar causas, é olhar o adulto referido à sua própria criança, explorando mais a bibliografia psicanalítica. Ninguém duvida de que "a violência gera violência", e o chavão aqui reafirma a importância do tema para que as crianças, quando cresçam, não ensinem seus filhos a maltratarem outras crianças quando forem adultos.

Cida Aider



Pancada de amor dói, sim

A Violência Doméstica, de Rosiska Darcy de Oliveira, Leila Linhares Barsted e Miguel Paiva. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero e IDAC - Instituto de Ação Cultural, 1984.

Muito bem ilustrado e bem gostoso de ler — apesar da aridez do tema —, este livro desmente o velho ditado de que em briga de marido e mulher ninguém deve meter a colher. Devemos meter sim, até que a violência doméstica deixe de ser roupa suja que se lava em casa, encoberta pelo silêncio, medo e vergonha das próprias mulheres — é o que diz o livro, contribuindo para que a gente, um dia, chegue lá.

A Violência Doméstica foi elaborado pelo Projeto Mulher do IDAC, com a colaboração de Comba Marques Porto e Ana Maria Figueiredo, e é a primeira publicação da série "Os Direitos da Mulher". Como o próprio nome indica, o livro é uma espécie de manual de orientação à mulher para se defender da violência. Tem indicações sobre os vários tipos de crimes cometidos entre as quatro paredes deste lugar aparentemente sacrossanto que é "o lar" (remetendo para os artigos do Código Penal que punem cada crime) e indica providências práticas que devem ser tomadas pela vítima.



No final, há uma lista de endereços em vários Estados onde as mulheres podem encontrar orientação e auxílio.

Bem, se o livro ajuda a combater a desinformação, também não deixa de apontar que "o buraco é mais embaixo", ou seja, que há muitos obstáculos internos para a mulher superar, como o medo, a vergonha e a culpa. Depois de situar bem o problema, o recado final: "A violência doméstica precisa perder o título de 'doméstica' e ser chamada pelo nome que tem, como crime. Mesmo se a lei já a reconhece como tal, o costume e a força da cultura continuam a torná-la invisível. Só é possível evitar que ela persista na medida em que deixe de ser invisível e passe a ser vivida por todos como um absurdo e um escândalo."

Maria Lúcia Mott

Adélia Borges

MEMÓRIAS DELA, E DELES

Paisagem e Memória, de Helena Silveira. Editora Paz e Terra e Secretaria de Cultura de São Paulo, 1983.

Quando fiquei grávida meu tipo de leitura preferida era o de memórias. Buscava no conhecimento da vida das pessoas uma força que me ajudasse no ato de criar. Hoje, atribuo isso à preocupação enorme, aflitiva, que eu tinha sobre a responsabilidade de estar dando vida a um filho — então que li o excelente Gregório Berrini e que descobri Pedro Nava.

Depois disso, já com o filho em casa, fui com prazer que vi o lançamento do livro de Helena Silveira, jornalista e cronista social, já conhecida há tempos, através da sua obra sobre televisão na Folha de S. Paulo — que desapareceu inexplicavelmente — diga-se de passagem.

Paisagem e Memória é uma fonte importante para a história cultural brasileira, sobretudo paulista, entre os anos 40 e 60. Isso não quer dizer que a autora narre os fatos e acontecimentos de seu tempo amarrados por um fio cronológico rígido. Ela tem jogo de palavras, vai desdobrando suas lembranças, puxando a



Helena Silveira, mexendo com a gente

outra, no mesmo estilo ágil de suas crônicas diárias.

Separada do marido, com dois filhos adolescentes, Helena foi à luta para sustentar a família. Trabalhou como cronista social nas Folhas, teve um programa de televisão e de rádio (onde entrevistou a antológica Gilka Machado) e foi anfitriã de fim de noite na boate Oásis.

Como escritora e cronista social se relacionou com destacadas personalidades do mundo intelectual — seu retrato sobre Oswald de Andrade é ótimo —, participou de festas, casamentos, vernissages e encontros culturais no Brasil e no exterior.

Mas **Paisagem e Memória** não é só isso. O livro mexe com a nossa emoção. Fiquei cheia de raiva do primeiro marido de Helena, que a deixou sem um tostão no bolso após a separação; me apaixonei por Jamil A. Haddad até o dia em que

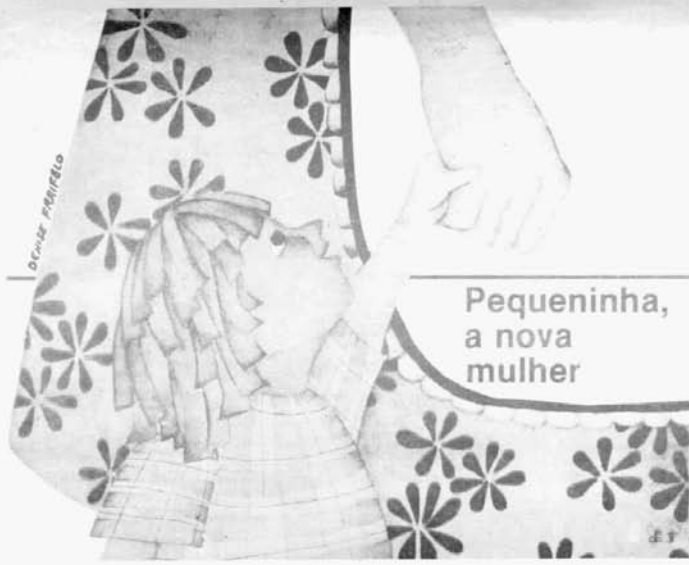
ele juntou os livros escritos por Helena, então sua mulher, para vendê-los num sebo; chorei a morte de seu filho. Esse mergulho na vida pessoal, íntima, familiar e cotidiana, cheia de conflitos, carregada de culpa pelos erros e acertos é, sem dúvida, a parte mais expressiva do livro. Faz a gente pensar na própria vida e refletir sobre nossa condição de mulher.

Animada com o livro, comprei as memórias de outros dois jornalistas, mais por um certo prazer "voyeurista": as de Luiz Martins, que foi marido de Tarsila do Amaral, e de Geraldo Ferraz, que foi casado com Pagu. Mas minha expectativa foi frustrada: os dois são monossilábicos sobre suas famosas mulheres. Santo, ou melhor, santa de casa não faz mesmo milagres!

Se eu terminasse aqui esta resenha estaria sendo injusta com os dois escritores. Afinal, os pares — maridos ou mulheres — não são critério para avaliar a vida de ninguém, muito menos a obra. Seus livros, a exemplo do de Helena, oferecem importantes subsídios para a história da cultura brasileira a partir do modernismo. Apesar das restrições que eu possa ter ao machismo doido de Luiz Martins em **Um Bom Sujeito**, ou ao estilo de Geraldo Ferraz em **Depois de Tudo**: o autor simplesmente não utiliza a primeira pessoa do singular em um livro de memórias.

JO MULHER

MIGUEL PAIVA



Pequeninha,
a nova
mulher

Pequeninha, de Mirna Pinsky (texto) e Denise Fraifeld (desenhos). Belo Horizonte, Editora Miguilim e Instituto Nacional do Livro, 1984.

No terreno movediço da literatura para crianças, que via de regra se enrosca no ensinamento moral ou ideológico (perceptível mesmo quando se traveste de compromissos atuais — ecológicos, feministas, antirracistas etc.), Mirna Pinsky vem vindo, às vezes de mansinho, às vezes de sopetão, com novos temas, outros símbolos, jeito diferente de falar com as crianças e de lidar com a escrita.

Bastante nova tem sido, por exemplo, a força simbólica que ela empresta à vida afetiva da criança, seja quando **Zero Zero Alpiste** enterra suas lágrimas de dor ou quando **Davi**, numa manhã depressiva, acorda cinza.

Agora, o que Mirna tem trazido de muito novo mesmo para essa literatura é uma narrativa aberta, que brinca de esconde-esconde com o leitor, possibili-

tando que ele reaja afetivamente ao texto, entregando-se e distanciando-se. Cúmplice e antagonista.

Pequeninha é assim também (e mais, pois os desenhos de Denise Fraifeld, que ganharam o prêmio de ilustração do Concurso de Literatura Infantil do INL, são ótimos!): "Estou com uma vontade doida de botar a Maia na palma da minha mão. Mas eu acho que ela não cabe. Ela cabe debaixo do meu braço. Cabe direitinho no meu colo. Cabe muito bem, fazendo cavalinho no meu joelho. Mas na mão, acho mesmo que ela não cabe..."

E mal a gente se dá conta de que este parágrafo, assim meio que jogado no começo do livro é também a nossa entrada para o Castelo da vó. Da Maia ou da nossa mesmo? Ah, se eu contar, "tenho certeza, a Mirna jamais iria me perdoar".

Zut! Ia me esquecendo: Maia é sim uma nova mulher.

Fúlvia Rosemberg

SAI DESSA, HUCITEC!

Em janeiro de 82, a escritora Dinorath do Valle ganhou o prêmio de Literatura Brasileira da Casa das Américas, em Havana, com o romance **Pau Brasil**. Em 83 esteve em Cuba para receber seu prêmio e fazer parte do júri do prêmio daquele ano.

Só que até agora, agosto de 84, o romance ainda não apareceu nas livrarias. E estamos todas e todos perdendo a finíssima prosa de Dinorath, sua amorosa ironia, recontando um cotidiano povoado de meninas e mulheres, na inteireza e complexidade de seu viver feminino captado ali onde sangra e se afirma no contato com os meninos e os homens.

Dinorath do Valle vive em São José do Rio Preto (SP) desde pequena. Foi professora lá muitos anos, é jornalista atuante — no jornal e no sindicato — e borda, sem risco nem bastidor, os belos vestidos que quem a vê neles nunca se esquece.

Essa mulher de 57 anos já ganhou muitos prêmios, entre eles o Governador do Estado de São Paulo, em 1971, e o primeiro lugar na categoria estreante do 2º Concurso Nacional de Contos do Paraná, em 1968. A premiação do Governador do Estado consistia na publicação do livro, mas cinco anos depois, de des-

culpa em desculpa (ou de descaso em descaso) nada dos responsáveis publicaram o livro. Em 1976, finalmente, saiu **O Vestido Amarelo**, uma co-edição Artanova/Secretaria de Cultura do Estado. Melhor que nada, o livro trazia apenas uma parte dos contos premiados. Vale a pena fuçar e achar esse livro e encontrar as meninas dos belos contos "O Vestido Amarelo", "Ercília" e "A cartilha".

"Os dez mil dias de escola reduzidos a algumas lágrimas" — é assim que Dinorath nomeia seu livro **Enigmalião** (Hucitec, 1980), em que recria e demole o enredar-se de professores e alunos numa escola secundária do interior. Em 82 sai **Idade da Cobra Lascada**, cuidadíssima edição da autora (tem na Livraria Cultura, em São Paulo). Nesse livro tem o conto "Os objetos", fragmentos da estória da menina Eliná, abusada pelo pai, seduzida pela professora. Uma lindeza.

Agora, queremos porque queremos ler o **Pau Brasil**.

Fosse um homem o vencedor brasileiro do Casa das Américas, será que essa editora (Hucitec) que está com os originais não teria já editado o livro, com todo o estardalhaço que ele merece?

Maria Otília Bocchini

A, B, C, D, E, F, e depois?

Condição da Mulher — Amor, Paixão, Sexualidade, de Marta Suplicy. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

Neste seu livro, Marta Suplicy nos traz textos de artigos publicados em sua coluna na **Folha de S. Paulo** entre 80 e 84. A partir da trilogia "amor, paixão e sexualidade", ela comenta questões como a masturbação, gravidez, homossexualismo, estupro, planejamento familiar, feminismo e situação da mulher nordestina.

A primeira impressão que se tem é a de um livro de leitura fácil, coerente, desses que se lê quase que de uma esticada. Nem tanto por ela não se aprofundar em questões que deveria, mas pela maneira coloquial com que desfila suas idéias. Mas o coloquial aqui carrega uma pesada carga de didatismo: se por um lado a compreensão dos assuntos é facilitada, por outro a gente fica se sentindo meio no papel de "aprendiz da sexualidade", a coisa do tipo banalizada "agora você vira pra cá, e eu pra lá".

Isso fica muito claro, por exemplo, quando Marta trata da ejaculação precoce ou do tamanho do pênis (em repouso e/ou ereto), no artigo "Importante é a mágica, não o tamanho da varinha de condão". Percebe-se fortemente na narrativa a influência da sexóloga da televi-



são que, por hábito ou necessidade, sobrepõe o ensinamento à reflexão mais rigorosa. Talvez porque ela julgue que, a nível de grande público, ainda seja necessário esclarecer para desmistificar.

Na segunda parte, quando Marta fala da condição da mulher propriamente, o livro melhora, mas não chega nunca a empolgar. O discurso é um pouco mais amadurecido, politizado. Mas ainda não convence de todo. Eu entendo que analisar a questão da mulher pressupõe trazer à discussão as próprias experiências acumuladas em vida. Em Marta essas experiências parecem que são escassas ou recentes, não sei.

Como ela mesma diz na contracapa do livro: "a intrincada relação da vivência da sexualidade e papel sexual mais a convicção política e social é algo que só aos poucos fui compreendendo".

O que pode significar que Marta Suplicy, ao seu modo, vem procurando se aprofundar. E buscar essa compreensão.

Reinaldo Pinheiro

Curtas

aqueles que querem participar, individual ou coletivamente, da luta ecológica por melhores condições de existência. A distribuição é gratuita. Se você quiser um exemplar do Guia, escreva para o Grupo Seiva de Ecologia, Caixa Postal 55190, CEP 04799, São Paulo, SP.

DIREITOS DA MULHER

A Secretaria de Planejamento do Município de São Paulo editou em junho um manual sobre "Os Direitos da Mulher". São 333 perguntas e respostas sobre Trabalho e Previdência, Família, Creche, Aborto e Contracepção, Violência e Bens que, em linguagem bem acessível, informam as mulheres sobre seus direitos. Dos 300 mil exemplares editados, 260 mil foram distribuídos pela revista **Cláudia** de junho.

SEM O BICHO-PREGUIÇA

Foi uma triste coincidência. No dia de lançamento do Pequeno Guia de Defesa Ecológica, no Parque da Luz, em São Paulo, em junho, sumiu o bicho-preguiça do parque. Foi-se o bicho mas ficou o Guia — um texto de consulta dirigido a todos

GUIA DE AUDIO

O ISIS Internacional prepara um guia mundial de audiovisuais realizados por mulheres — slides, vídeos, filmes, fotografias, desenhos etc. Para informações mais detalhadas: ISIS Internacional, Via Santa Maria dell'Anima 30, 00186, Roma, Itália.

RETRATO DO BRASIL

Já estão nas bancas os primeiros fascículos da série **Retrato do Brasil**, um relato dos 20 anos do regime militar. A equipe que está editando é basicamente a mesma que fazia o semanário **Movimento**. Em vários fascículos, há a preocupação em focar também a questão da mulher, e um deles trata especificamente de "Mudanças nos Costumes: Sexo".

Olhar de banda



Adélia: mais que o oco

FOTO FORNECIDA PELA AUTORA

A poesia marcou Adélia Prado desde a infância. A religião, responsável por uma rígida educação, deu-lhe, por outro lado, os rituais, pura poesia. Conheceu cedo o pecado de Deus mas também a glória divina, sua salvação. Como poetisa, estreou em 1976 com *Bagagem*. A esta publicação seguiram-se outras: *O Coração Disparado* (78), *Solte os Cachorros* (79), *Cacos para um Vitral* (80) e *Terra de Santa Cruz* (81). Agora, 1984, arrisca um primeiro romance, *Os Componentes da Banda*, editado pela Nova Fronteira. Em pouco tempo Adélia deixou um nome na literatura brasileira. Indagada sobre as mudanças ocorridas na sua vida, é enfática: "Não mudou nada na nossa vida. Se tivesse mudado ia ficar triste, porque escrever decorre, primeiro é viver. Meu projeto não é literário, é existencial."

Vendo a banda passar

A banda desfila diante de nossos olhos sob a regência de Violeta: são personagens com os quais ela topa na rua, no mercadinho, em sonhos. São seus vizinhos, parentes, habitantes de Cruzalva. Violeta, compositora, reúne rostos, vozes, notas musicais de seu cotidiano. Compõe uma sinfonia, tem o dom de combinar fragmentos e transformá-los em outras coisas. Adélia afinou seu instrumento, não há dúvidas. A prosa poética de *Solte os Cachorros e Cacos para um Vitral* está, agora, mais madura,

mais corajosa, "mais sem vergonha". Os sons que a banda produz são ritmados e múltiplos. Traduzem claramente as indagações de Violeta-Adélia, mulheres perplexas diante do mundo.

Sinfonia fragmentada. É difícil falar em romance no sentido clássico do termo, mas existe, penso eu, um tom que tece harmoniosamente a melodia do livro. Uma preocupação central se destaca, perplexidade maior à qual todas as outras se ligam; me refiro aos limites do humano e do divino: "o que seria de mim sem o Homem-Deus? Estou em limites dos quais transbordo perigosamente".

Perigo e limite são termos que se relacionam intimamente. As zonas limítrofes (que separam e unem) são o lugar da ambigüidade por excelência, sujeitas a tabu, sempre cercadas por rituais. É neste terreno escorregadio que Adélia pisa ao tentar responder à grande interrogação do livro: a busca do lugar do homem, "do meu próprio lugar que procuro e não sei qual é". O homem, este ser que pensa, que produz obras sublimes é também humilde, miserável e está irremediavelmente preso à sua condição anal: "Oh! O homem tem intestinos e segrega pensamentos!?"

Deus É, o Ser, o Outro em intensa comunhão com o homem, pura carência mas produto da criação divina: "Cu de galinha é abençoado. De gente também. Foi Deus quem fez." O livro se desen-

volve em torno desta questão (inscrita na essência do Cristianismo, na figura de Cristo, ser humilde e maior) que se desdobra em diversas articulações: alto/baixo, sublime/miserável, limite/deslimite.

Tudo em Violeta é criação e sensibilidade. Se em Minas não há mar, isto não é problema para ela, que através da imaginação arrasta o leitor em suas águas. Águas fictícias. Mas suficientes para deflagar no mar da página peixes ruivos e luminosos. "Peixe é paixão". Sonha grandes pescarias. Sua grande felicidade foi um dia escutar Pedro chamá-la de peixinho. "Peixe simboliza Jesus", diz ela. Muito mais que isso, digo eu. O peixe traduz simbolicamente o movimento do livro, dança com a música, relacionando contrários. Para uns tem sentido fático, outros lhe atribuem estrito simbolismo espiritual. Em essência possui natureza dupla; é uma espécie de "pássaro das zonas inferiores" e símbolo do sacrifício e da relação entre céu e terra.

Outros bordados

Adélia habita o múltiplo. Múltipla é a sua mulher. Narradora ou, pelo menos, voz principal, ela se debate com o pecado, com os limites impostos à condição

feminina: "Ser mulher ainda dificulta muito as coisas, muita gente boa ainda pensa, em pleno século 21, que mulher é só seu oco". Porém esta mulher não se engaja numa luta política que lhe parece ser sempre excludente: "Padre Régis me olha com indistigável desgosto porque não aceito entrar no Avante Mulheres, não posso, não me deixam ir prá roça com Pedro, passar a tarde toda com Coira escolhendo uma blusa".

"Professora de seus desejos mais íntimos", Violeta o revela sem nenhum pudor. É isso que encanta e desconcerta nesse texto, a nudez do verdadeiro. Arremata: "O que vemos é a mulher numa luta pela sua emancipação, pessoal e política, ser compêndia a menosprezar aquilo que é, às vezes, o mais caro, como ter filhos, ficar em casa, amamentar, essas coisas. Entendo que isso seja renegado porque foi durante milênios uma condição imposta e não uma escolha. Porém, o que tem que ser resgatado é a minha liberdade, minha capacidade de escolher".

Como quem não quer nada, os componentes da banda passam e sopram como um vento que levanta nossas saias. Nós essas senhoras pudicas.

Fernanda Peixoto Massi

LILIAN HELLMAN - 1905/1984

A força dos fragmentos

Excelente escritora e dramaturga de primeira linha, Lilian Hellman era uma moça de elite, bem-educada e refinada, mas dessas que contrariam seu destino. Nasceu em Nova Orleans, de família judia. Era inquieta demais para o ambiente racista e conservador onde passou sua primeira infância, o Sul dos Estados Unidos. Mudou-se para Nova Iorque. Casou-se e com o dramaturgo Arthur Kober e divorciou-se ao começar seu romance com o escritor Dashiell Hammett, autor de *O Falcão Maltês*. Apesar das separações ocasionais, viveram juntos 30 anos, até a morte de Hammett em 1961.

Lilian Hellman ficou famosa nos Estados Unidos, em 1934, quando foi encenada sua primeira peça *The Children's Hour*. Sucesso total de público e crítica. (No Brasil foi montada em 1958, com o nome de "Calúnia").

Consolidou-se definitivamente como dramaturga em 1939, com *The Little Foxes*, sua primeira peça encenada no Brasil, em 1946, com o nome de "Perfidia".

Escreveu outras peças, seu sucesso permaneceu e ficou rica com os direitos autorais. Por várias razões, segundo ela, os anos 30 e 40 foram bons tempos, ao lado de Hammett, com muito trabalho, grana e bebida.

Incidentes políticos vieram mudar o rumo de suas vidas. Em 1951, em plena era macartista, Hammett, militante do Partido Comunista, foi preso. Um ano depois ela foi chamada para depor. Numa célebre carta dirigida ao comitê de Atividades Antiamericanas, declarou-se inteiramente disposta a falar de sua vida, mas negou-se categoricamente a dar informações que pudessem incriminar outros. Nesta época de terror anti-comunista, em que a delação tinha se tornado lugar-comum entre intelectuais e artistas, a coragem e firmeza de sua atitude tiveram enorme repercussão. Acabou não sendo processada, mas entrou para a lista negra. Foi banida de Hollywood e da Broadway, não encontrava trabalho e acabou se empregando como balconista.

Peças, pedaços...

Depois da morte de Hammett e de uma intensa atividade literária, que incluiu 12 peças e vários roteiros para cinema, Lilian Hellman, aos 62 anos, dedicou-se a escrever suas memórias. O que resultou foram quatro livros prodigiosos: *Uma Mulher Inacabada*, *Pentimento*, *Caça às Bruxas* e *Falvez*. E, de novo, muito sucesso.

Ela conta que não tinha envolvimento com nenhuma organização política. De-

finia sua participação como fragmentada e afetiva e dizia-se impaciente com a retórica política. Rebelde sem causa.

Apegava-se às suas paixões e escolhas individuais. A sensação de ser "inacabada", como observou Ana Cristina César, vinha de sua incapacidade de se organizar ou de organizar o mundo em torno de um sentido, de uma totalidade.

O que poderia aparecer como lacuna era justamente a fonte de sua riqueza. O que é bonito em Lilian Hellman é sua capacidade de ver as pequenas coisas, o miúdo, o individual. Se ela não desvendava a trama dos acontecimentos, mostra com perfeição e encanto as teias que os compõem.

A beleza de sua narrativa está na sua sensibilidade para o particular, os pequenos detalhes em torno dos grandes acontecimentos, o que fica subjacente. Por isso, há tanto encanto quando ela fala das pessoas que gosta: de sua babá, com quem aprendeu a ter afeição pela raça negra; de sua amiga Julia; e, sobretudo, de Hammett. Uma voz feminina e apaixonada, não de uma mulher inacabada, mas de "uma mulher que não concluiu" (an unfinished woman), porque em constante mutação. Até o último dia 30 de junho, quando sofreu uma parada cardíaca, aos 79 anos. Cynthia A. Sarti



Lilian em 1935: em mutação

FOTO DO LIVRO

AS CRONISTAS DA RUPTURA

Gostaria de passar para vocês algumas informações sobre a recente filmografia feminina alemã, já que no artigo sobre o filme **Anos de Chumbo** (*Mulherio* nº 16) há uma série de confusões e informações incorretas.

Podemos distinguir duas Alemanhas: a oficial, representada pelo sistema conservador e pelas multinacionais como a Bayer e a Volkswagen, e a alternativa, preocupada com a destruição do meio-ambiente e com a iminência de um conflito nuclear. Esta se tornou conhecida através do sucesso do Partido Verde e das gigantescas manifestações contra a instalação de mísseis nucleares na Europa. Ficou também conhecida por sua recente filmografia.

Seu mais controverso cineasta, Rainer Werner Fassbinder, um homossexual que explicitou suas preferências diretamente ao público, tornou-se famoso por seus filmes que focalizam basicamente a vida de mulheres (desde *As Lágrimas Amargas de Petra von Kant*, até *Effi Briest*, passando pelos mais recentes *O Casamento de Maria Braun* e *Lili Marlen*).

Mulheres cineastas, como Margarethe von Trotta e Helma Sanders, também ganharam reconhecimento internacional, bem como um grande número de atrizes — Hanna Schygulla, Angela Winkler, Jutta Lampe e Barbara Sukova, para enumerar algumas.

Anos de Chumbo

O aspecto mais interessante desses filmes é que eles não são apenas produzidos e dirigidos por mulheres, mas têm sempre um conteúdo ligado aos problemas, sonhos e esperanças das mulheres do pós-guerra na Alemanha Ocidental. Diz Margarethe von Trotta: "Não oferecemos soluções. Somos apenas cronistas. Talvez as mulheres reconheçam em meus filmes seus próprios sonhos e talvez elas perguntem a si mesmas como podem mudar suas vidas. Um filme pode provocar rupturas, mas uma vez experimentada uma ruptura, é impossível saber onde se vai chegar. Porém não há nada pior do que ficar quieta."

Trotta nasceu em Berlim em 1942, começou sua carreira como atriz e co-dirigiu seu primeiro filme, *A Honra Perdida de Katharina Blum*, com seu marido, Volker Schlöndorff. Dois anos depois, dirigiu *O Segundo Despertar de Christa Klages*, seguido de *Madness* e de seus dois filmes mais conhecidos *Irmãs* e *Anos de Chumbo*.

Em *Anos de Chumbo*, deixando a ficção de lado, estamos em contato com a história verdadeira de Gudrun Ensslin e sua irmã jornalista e feminista.

No final dos anos 60, Gudrun en-

trou para a guerrilha urbana, cujos alvos principais eram os jornais conservadores, os *shopping-centers* e as bases americanas na Alemanha Ocidental ainda esta literalmente ocupada pelos "aliados", com mais de 200 mil soldados americanos no país). Essas ações eram vistas pela esquerda tradicional com certa dose de simpatia, mas condenadas como ações "terroristas" pelo sistema.

Ulrike Meinhof, da qual Denise Stocklos encena o monólogo "Eu, Ulrike Meinhof" na peça *Um Orgasmo Adulto Escapa do Zoológico*, de Dario Fo e Franca Ramè, era editora do jornal alemão *Konkret*. Nos anos 60, ela transformou-se numa das mais influentes teóricas da nova esquerda. Como Gudrun Ensslin, optou pela luta armada e passou para a clandestinidade. Seu nome, como o de Andreas Baader, companheiro de Gudrun, foi usado pela polícia alemã para assustar a população e colocá-la contra o que as forças de segurança chamavam então de "grupo terrorista Baader-Meinhof".



Ulrike Meinhof...



e Gudrun Ensslin, em 1972

em 1972, Meinhof, Ensslin e um grande número de pessoas foram presas e condenadas. Numa sequência de greves de fome, morreu Holger Meins em outubro de 1974. Em maio de 76 Ulrike Meinhof foi encontrada morta em sua cela, depois de quase dois anos de isolamento absoluto. A polícia diz que ela se matou, mas até hoje as circunstâncias de sua morte permanecem obscuras.

Em outubro de 77, a polícia alemã noticiou uma nova série de "suicídios", desta vez em larga escala, "cometidos" no mesmo dia: Gudrun Ensslin estava morta, pendurada nas barras da janela de sua cela, Andreas Baader e Jan-Carl Raspe estavam mortos a tiros e uma outra mulher, Irmgard Moller, foi encontrada semi-morta, com várias perfurações de faca no peito. Várias outras pessoas foram mortas subseqüentemente, mas a eliminação da liderança marcou praticamente o final deste período.

Este é o pano de fundo onde se desenrola a história de *Anos de Chumbo*.

Margarethe von Trotta faz neste filme uma reflexão sobre estes anos turbulentos da recente história alemã, tentando chegar a um entendimento da razão que leva pessoas moralistas como Gudrun a optarem pela violência. No final do filme, a irmã jornalista admite que Gudrun era uma pessoa especial, forçando a audiência a pensar sobre a sua vida e morte, mesmo que não aceitem suas opções políticas.

Alemanha Mãe Pálida

Um outro filme mencionado no artigo — *Alemanha Mãe Pálida*, de Helma Sanders Brahm (e não Helga Saander-Brahms)

— trata de outro período da história alemã sob o ponto de vista feminino: o fim da Segunda Guerra Mundial e o embrião de toda a problemática que iria gerar os conflitos com que se defrontaria a geração de pós-guerra, da qual fazem parte Meinhof, Ensslin, Trotta, etc. Helma já produziu 13 filmes sobre a mulher alemã e, sobre *Alemanha Mãe Pálida*, diz: "Desde muito cedo eu entendi que o povo alemão sofreu sob a ideologia do mundo masculino, da morte, do terror e do fascismo. Mas este também é o país de minha mãe, minha infância, o país onde meus pais se encontraram e se amaram. Este filme é a história de um conflito: entre minha mãe Alemanha, uma mulher que eu amo apesar da guerra, e minha mãe Lena, que mostrou uma coragem incrível durante esse período. Eu quis mostrar a força mais poderosa que existe contra o fascismo: a força do amor."

Ines Rieder

QUILOMBO

Visto por uma militante negra

Não é à toa que Quilombo faz sucesso na periferia, onde se concentra a massa negra, e é criticado pelos intelectuais, até mesmo alguns do lado de cá do espectro da cor. Os intelectuais pretendem ter dispensado todos os mitos, criticam a idealização da vida em Palmares. No lugar dos mitos, colocam o mito de discurso crítico. A massa negra precisa de mitos, com eles se identifica. Não foi tocada pelo vírus da descrença decadente. Gosta de Quilombo porque gosta de Palmares.

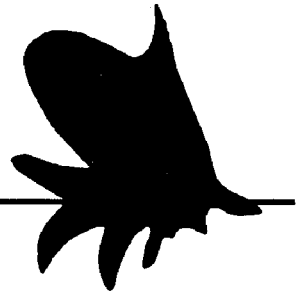
Alguns disseram que Quilombo é frio emocionalmente. Não senti isso, fiquei emocionada vendo na tela os arquétipos de Ganga Zumba e Zumbi, o mesmo drama atual do povo negro: negociar, conciliar ou combater e destruir o inimigo? Qual a relação que devemos estabelecer com o Estado, com as instâncias do poder da sociedade branca? Mais do que a fidelidade histórica/antropológica, a meu ver, o que deve ser discutido é esse drama. Zumbi, intelectual radical, guerreiro destemido, sabe que não pode confiar no inimigo: a alegria deles depende do nosso tormento. Mas, apesar da lança mística de Zumbi atirada ao céu, não posso deixar de perguntar: pode a vida ser mais forte que a morte?

Fico irritada quando certos críticos, pretendendo desvalorizar qualquer criação cultural, tascam: "parece enredo de escola de samba". Se eles não entendem de escola de samba, o problema é deles. Agora o engraçado é que estranhem tanto qualquer manifestação cultural que não esteja de acordo com os cânones das elites ou da indústria cultural voltada para as "classes A e B", e que imediatamente seja taxada de exótica, macumba "pra-turista" e que tais. Tenho certeza de que grande parte do público encarou com familiaridade certas cenas de *Quilombo*: os orixás habitam entre nós. O folclore não está nos cultos afros, nas danças e rituais, mas no olhar estrangeiro que não reconhece elementos fundamentais da cultura de seu próprio país e por isso os petrifica.

Não importa que Diegues tenha feito um samba do crioulo doido: que os palmarinos falem iorubá, que um menino jogue futebol, etc. O samba do crioulo doido é o que nos restou: fragmentos de culturas diversas amalgamadas, recriados e que resultaram no que hoje se pode chamar de uma cultura brasileira. Nos misturaram, reprimiram nossos cultos, queimaram documentos. Mas o que resultou, é o que de melhor esse país produziu. Que não se cobre agora o que de nós foi roubado. Nesse sentido, Diegues está na mesma barca que nós. Concordo com Lélia Gonzales: o registro de Diegues é o da arte e não o da ciência, tendo todo o direito à livre criação.

Eu só tenho um reparo: a maneira de tratar os eventos revela a perspectiva política do autor. Ao suicidar Ganga Zumba, para garantir a unidade do povo palmarino, Diegues preserva a grandeza da figura de Ganga Zumba, aponta para a perspectiva que ele representa: o caminho da negociação, a via pacífica. É o limite possível da consciência do branco solidário.

Edna Roland



ARRIGO: Irreverente e lúdico

Arrigo Barnabé, em "Tubarões Voadores" (show e disco), pinta e borda. E quem ganha é a gente. Uma beleza de trabalho. Músicos no ponto e vocalista sob medida. Aliás, Vânia Bastos merece palavras especiais: voz lindíssima, charme transbordante, performance incrível. Musa perfeita para os acordes barnabeianos.

Arrigo está solto e livre. É o inovador de sempre e a irreverência sua marca registrada. Ele brinca com os limites do masculino e feminino, chacoalhando-os e desrespeitando-os. A mulher pode ser femme fatale dos anos 50, toda de preto, Marilyn-Mae-Monroe-West, sex-appeal, tentação irresistível. Os homens, dalmatas sedentos, açotados e acorrentados para que acalmem a sua volúpia incontrolada de sexo.

Em *Neide Manicure Pedicure*, o clima amoroso é determinado pelos personagens:

"Ela manicure pedicure de unhas cor de rosa Extravagante e vaidosa Ela calça trinta e três orquídea perfumosa Ele é perseverante e feliz vive pensando nela Dia e noite dia e noite paladino do asfalto Dia e noite dia e noite moonlight serenate Neide Neide minha doce Neide"

Ou então é tudo diferente. Em *Kid Supérfluo*, cantada no disco por Rita Lee, a mulher é descartável, o mocinho é supérfluo e eles se consomem avidamente um ao outro:

"Kid supérfluo, consumidor descartável Que su-su-cesso, no supermercado Que sex-sex-sexy, galã de vitrine Trocou a mulher por uma TV colorida E agora só sonha com ela"

Mas tudo pode ser ainda o seu próprio reverso. Diria Caetano: "mistério sempre há de pintar". E pinta mesmo. Em *Papai não gostou*, o travesti revela-se:

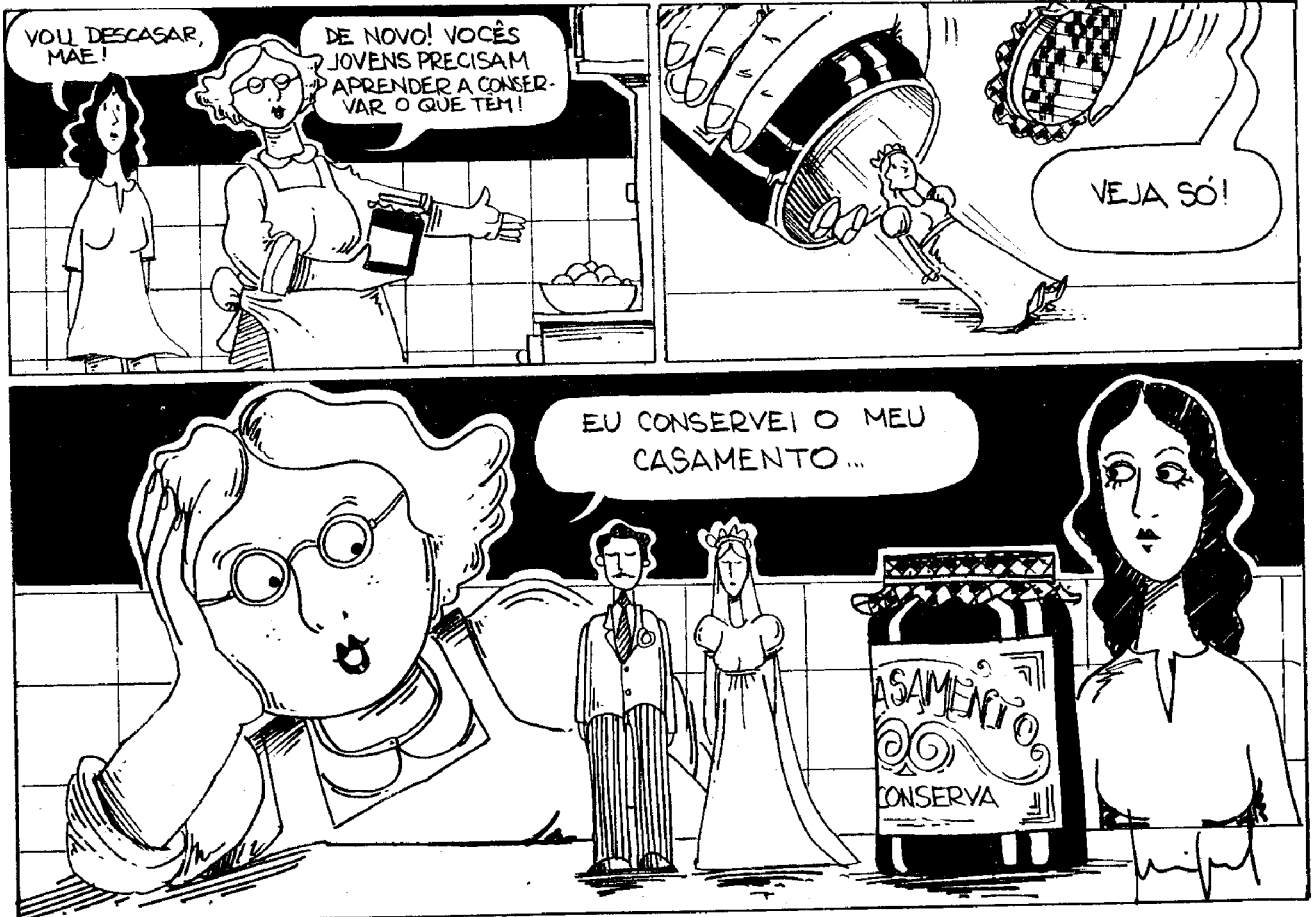
Ao desacato do travesti que insiste em mostrar-se, se contrapõe a mulher, misteriosa aos olhos do apaixonado. Momentos de lirismo em *Mística*:

"Mística mulher A metafísica te concebeu Ou será eu Que te imagino e és uma qualquer Pareces ser do céu Ou serás de um bordel Tolo é querer te deduzir Em vez de ir no teu sorrir Pois te entender é o ato de destruir A sensação astral Da química carnal"

O trabalho de Arrigo é caleidoscópico. Tudo é possível. Os limites existem, isso é verdade. Mas há sempre a possibilidade de ultrapassá-los. Arrigo, jogador inveterado.

Eliane Robert Moraes

MIGUE
PAPAI



1ª ou Marcha-ré?

Cristina Rosito é corredora de automóveis. Tem 17 anos. Já foi tricampeã gaúcha, campeã brasileira e 14ª colocada no mundial de kart de 1982. Foi a única mulher convidada a participar do campeonato da primeira divisão deste ano. No começo os corredores a chamavam de "guria", quase um codinome, mais discriminatório/paternalista do que carinhoso/afetivo. Com o tempo e as vitórias "aprenderam" a respeitá-la, mas ainda assim por duas vezes deixaram de subir ao pódio em provas que ela venceu. Dependendo continuamente de autorização do Juizado de Menores e do Departamento de Trânsito para correr em autódromos, ela já sonha com a Europa e a Fórmula 1, que é dominada quase que exclusivamente pelo universo masculino. Nestas corridas as mulheres têm desempenhado papéis secundários, funcionando como espécie de "dêcor" e estimuladoras das competições (no seu duplo sentido) sendo valorizadas mais pelos seus atributos físicos e/ou pela sua **pole-position no jet set** internacional. Neste sentido a chegada da simpática e baixinha corredora gaúcha seria algo estimulante. Mas a pergunta principal que fica é que, independentemente das inegáveis qualidades de Cristina como esportista, interessaria às mulheres competirem no mesmo nível de igualdade com os homens num tipo de atividade como esta, impregnada de ideologia machista? A presença feminina ao volante ressaltaria os conflitos ou aplacaria as diferenças?

Reinaldo Pinheiro

Sexo, só sem prazer

O Sumo Pontífice, em reunião com bispos no mosteiro de Einsiedeln, sentenciou: sexo praticado por prazer é condenável não apenas fora do casamento mas também dentro dele, entre marido e mulher. Para o Papa só a propagação da espécie confere dignidade ao ato sexual. Sua Santidade parece querer nos dizer que prazer é pecado. Estranhas palavras, mesmo se conhecendo a posição conservadora da Igreja em relação à sexualidade humana. O que se esconderia atrás delas? Negar a sexualidade e o prazer representam negar a vida. Sexo e prazer vivenciados de forma amadurecida e sadia significam renovação, possibilidade, êxtase. Conexão com o divino. Recriam nossa existência, afastando demônios e fantasmas. Nos dizeres do Papa habitam o obscuro e o reacionário. Prazer não se desvincula do amor. Pelo contrário. **Reinaldo Pinheiro**



GAYS: A alegria não é pra já

Para quem não sabe — eu não sabia! — 1984 é o Ano Gay Internacional. Também é o ano de realização do 2º Encontro do Movimento Homossexual Brasileiro, que foi em Salvador entre 13 e 15 de janeiro, e do qual resultou uma carta aberta à população brasileira reivindicando:

- ✓ que o Ministério da Saúde decreta imediatamente a extinção do Código 302. da Classificação Internacional de Doenças. "Não é justo que os gays continuem a ser ignorados pelos poderes públicos que, pela omissão, são responsáveis pelos preconceitos, discriminação e violência contra os homossexuais";
- ✓ garantias legais à liberdade de expressão sexual dos cidadãos;
- ✓ fim da discriminação anti-gay praticada pelo Exército, Diplomacia e Polícia no Brasil;

Cecília Simonetti

galeria de arte e molduras Ltda.

ARTEBELA
Gravuras de Volpi, Aldemir, Djanira, Tozzi, Renina, Fayga, Daro, etc. Desenhos e aquarelas de novos artistas. Todo tipo de moldura em madeira, alumínio, laca, ouro envelhecido, prata, etc. Atendemos na sua própria casa. Desconto de 20% com a apresentação deste anúncio. Rua Artur de Azevedo, 2102. Fone: 815.7786

CLASSIFICADOS

Zulaïê Cobra Ribeiro, Advogada Criminal. Telefone (011) 35.1002 — Endereço: Rua Tabatinguera, 93, 2.º andar, conj. 22, SP.

Margareth Martha Arilha, Psicóloga Clínica, atendimento de adultos, de 2ª a 6ª feira, a partir das 14 horas, R. Caracas 48, Jardim Paulista, São Paulo, telefone 881.7811.

Mel puríssimo de flor de eucalipto, do campo e de laranjeira, diretamente do apicultor para você. Bem baratinho. É só telefonar para 273-6573 após às 16 hs, ou para 814-5767.

Quer ir para a Europa? Vendemos duas passagens (São Paulo-Lisboa-Genebra e São Paulo — Lisboa-Bruxelas com validade até final de outubro, a preço de ocasião. Telefone para 814-5767 ou 815-9710.

Parlez-vous français? Se você quer aprender francês com um simpático suíço (que fala português) é só telefonar para Stéfán, 814-5767, e marcar dia, hora e local. E, claro, combinar o preço.

escola e trabalho
creche
professores
política educacional
discriminação
família
universidade
educação sexual

Você encontra tudo isso em:

CADERNOS DE PESQUISA

Assinatura: Cr\$ 18.000,00 n.º avulso Cr\$ 5.000,00
Pedidos com cheque nominal à Fundação Carlos Chagas
Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, SP

TELEFONES
Com apenas Cr\$ 500.000,00 de entrada, você pode ter seu telefone em sua residência. Temos vários planos até 20 pagamentos.
Segurança absoluta.
Pra. Cívica, 29 (antigo Largo Tito) Lapa — São Paulo

LIBANO TELEFONES
263.1200

PIU PIU
Venha curtir a intensa movimentação de um bar onde acontece de tudo

Rua 13 de Maio, 134 Tel.: 258-0066

agência **f4**

DE OLHO NO MUNDO

As melhores imagens sobre o que ocorre no Brasil: movimentos de mulheres, condições de vida, problemas indígenas, cultura, lazer, política. Tudo é registrado pelas objetivas de profissionais em todo o país. Arquivo de 600.000 fotos cor e branco e preto

Agência F. 4 Fotografias S/C Ltda
Rua Botucatu, n.º 94
04023 - São Paulo - SP
Fones: 571-6025/572-4189
Telex: (011) 35710

Lela e Assine PRESENÇA, um espaço pluralista para pensar o Brasil, a democracia e o socialismo.

Assinatura anual (4 números) - Cr\$ 16.000,00
Números avulsos nas livrarias

Nome _____
End. _____
Bairro _____
CEP _____
Cidade _____
Estado _____
data _____

Assinatura _____
cheques para Editora Caetés, Av. Rebouças, 1104, conj. 42
CEP 05402 - São Paulo - SP

PRESENÇA

ANUNCIE NO: (011) 881-0081
MULHERIO



Livraria **PAGU** Editora

Fundada em 1983
a primeira livraria da mulher brasileira
rua dos Ingleses, 209, São Paulo
aberta de quarta a domingo, a partir das 18 hs.

MULATAS



Vendendo o mito da sensualidade mulata para a classe média branca.

QUANDO A COR É UMA PROFISSÃO

Por 200 mil por mês, elas vendem a imagem do Brasil tropical sensual multiracial sensacional. A não ser que consigam escapar do empresário e montar seu próprio negócio, como Railda das Graças Soares da Cruz.

E preciso ter no mínimo 1,68 de altura, corpo escultural e experiência de palco, beleza e dentes perfeitos para ser admitida como mulata pelas casas noturnas. Sem registro em carteira ou qualquer direito trabalhista, elas pagam 1.500 cruzeiros por refeição e, se faltarem um dia, são descontadas por dois. A jornada de trabalho é de quatro horas de ensaio com 15 minutos de intervalo, até o show começar. Ganham 200 mil cruzeiros por mês para vender o mito da sensualidade mulata, prato exótico do jantar de casais "modernos" da classe média abastada, e branca. Com a ilusão de que um empresário europeu as levará ao **Moulin-Rouge** num contrato milionário de 800 dólares por mês — rota ao exterior que inclui muitas histórias obscuras, como aquela da máfia de mulheres do Japão que sequestraria as mulatas para os mafiosos japoneses.

Railda das Graças Soares da Cruz foi babá com oito anos e aos 16 já era **strip-teaser**. Dos 14 aos 18 fazia cerca de 20 **strips** por dia; depois fez ponta de novela e cenas de sexo explícito no cinema; dançou para o "Chacrinha" e o "Bolinha"; trabalhou no exterior; foi rainha do carnaval em São Paulo. E, claro, mulata do Sargentelli.

"Não tenho vergonha de dizer que quando cheguei da Bahia, com três anos, ficamos lá na rodoviária até meu padrao conseguir emprego numa construção, onde fomos morar. Minha mãe catava comida na feira até que consegui um emprego de doméstica e pude ir para a escola. Mas logo tive que ir lavar fralda e ouvir choro de criança, como eu, e ainda levar uns safanões da patroa. A gente trabalhava na mesma casa, eu e minha mãe.

Valorizo muito minha mãe, a "dona"

Tereza. Ela é aquela coisa toda nordestina, forte, saudável e trabalhadeira. Mas muito durona: na adolescência não pude namorar ou ir a bailinhos — ela tinha medo que eu me tornasse prostituta. Essa repressão pirou minha cabeça: sabia que tinha muitos deveres mas nenhum direito, por ser criança. Isso não impedia que eu fugisse todo domingo para assistir à miniguarda nos bastidores do canal 4.

Um dia faltou uma bailarina e me colocaram pra dançar, de tanto eu pedir. Fui contratada, mas minha mãe achava aquilo um absurdo. O jeito foi ser **office-girl**. Acabei transando com o patrão, fiquei grávida e fui morar com ele. Mas o relacionamento não deu certo e nosso filho não nasceu. Resolvi então ir conhecer a noite.

A vida na noite

Comecei como **go-go-girl**, aos 16 anos. As prostitutas me davam ou vendiam suas roupas, por sinal lindíssimas. Muita seda e filô, que eu reformava e usava. Aos 17 fui fazer **strip-tease**, profissão que eu encarava como qualquer outra. Mas que achavam que era prostituição.

Não me agradava a ideia de sair com homens para fazer "programa". Ainda tinha em mim a presença de um único homem, meu ex-marido. Mas ganhava 15 cruzeiros por **strip** e via as meninas ganharem 1.500 por "programa". Aderi ao michê e entrei na jogada. Logo parei, porque era insuportável: chegava em casa, deitava e pensava — "meu Deus, estive com tanta gente e agora estou sozinha". Vinha do desespero, que eu apagava com bebida e com drogas.

Deixar as drogas foi bom, sabe? Com o correr do tempo as coisas melhoraram

e pintou o cinema, uma fase maravilhosa. Até que me toquei que eles estavam me explorando — só davam importância pra minha bunda. Como na época minha filha já estava grandinha, achei melhor parar.

Minha filha pintou na ocasião dos **strips** — ela é só minha. Depois eu conheci um médico e me apaixonei, fomos morar juntos e tivemos um filho. Foi uma gravidez cheia de frescuras, médicos, dietas. Lembro das histórias que minha mãe contava. Que eu nasci na casa de um parteira, só com água e pano branco. Sabe, elas enrolavam um lençol, a mulher ficava de cócoras e tudo bem: a criança era cuspidá. Hoje as coisas são diferentes.

Vivi com ele durante seis anos. Mas no carnaval de 78 ganhei o título de rainha e, entre ele e a profissão, claro, decidi viver a ilusão. Ai uma amiga me apresentou para o Sargentelli e fui trabalhar no **Oba-Oba**. Posso dizer que transei com o Sargentelli. Mas pra isso ele não colocou um revólver na minha cabeça, não. Transei porque quis, mesmo.

Ai fui para o **Beco**, estabilidade por um tempo, até que fomos todas colocadas na rua. Nesse dia não dormi, pensando em como conseguir dinheiro pra comer. De repente a ideia nasceu: criar um grupo de mulatas e vender o show em casas noturnas. O grupo "Mulatas de Bronze" deu tão certo que abri a **Bronze's Shows**.

Com tudo isso às vezes eu paro e penso: a vida foi uma faculdade boa pra mim. O mundo é a melhor escola: você aprende tudo, não precisa ser doutora ou diplomata. Atualmente eu curto muito meus dois filhos.

Adoro dançar e viver intensamente cada minuto.

Maria da Penha Crispim Miguel